

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Departamento de Ciências Sociais

Bacharelado em Ciências Sociais

**O Consumo de Bebidas Alcoólicas como Forma de Lazer nas Classes Populares do
Recife**

Mônica Maria de Oliveira

Recife; Julho de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Departamento de Ciências Sociais

Bacharelado em Ciências Sociais

**O Consumo de Bebidas Alcoólicas como Forma de Lazer nas Classes
Populares do Recife**

Mônica Maria de Oliveira

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Bacharelado em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Rodrigo Vieira de Assis.

Recife, Julho de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Departamento de Ciências Sociais

Bacharelado em Ciências Sociais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

O48c Oliveira, Mônica Maria de

O consumo de bebidas alcoólicas como forma de lazer nas classes populares do Recife / Mônica Maria de Oliveira. – 2019.

74 f. : il.

Orientadora: Rodrigo Vieira de Assis.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,

Departamento de Ciências Sociais, Recife, BR-PE, 2019.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Bebidas alcoólicas - Consumo - Recife (PE) 2. Classes populares
3. Uso de álcool 4. Lazer 5. Socialização I. Brito, Paulo Afonso
Barbosa de, orient. II. Corrêa, Maria Iraê de Souza, coorient. III. Título

CDD 300

O Consumo de Bebidas Alcoólicas como Forma de Lazer nas Classes Populares do Recife

Monografia aprovada em ____/_____/2019, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, por todos os membros da Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Mestre Rodrigo Vieira de Assis, Orientador

Nota _____

Doutor João Morais Sousa

Nota _____

Doutor Cláudio Morais de Souza

Nota _____

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão primeiramente a Deus, por me proporcionar forças e sabedoria pra conseguir concluir mais quatro anos de uma segunda graduação, ao professor Eptácio Pessoa, que me apresentou Jean Jacques Rousseau e seu livro O Emílio, ao professor Vantuil Barroso – UFPE, por apontar esse problema social do Consumo do álcool como práticas de lazeres nas classes populares, ao professor Marcelo – UFPE, que me apresentou Roberto DaMatta e o seu livro O que faz o Brasil, Brasil? E fez com que eu me questionasse o que leva um indivíduo a ser, pensar, sentir e agir de determinadas formas, sem ter que para isso recorrer à psicologia e aos teóricos da psicanálise.

A minha mamãe que mais uma vez entendeu meus anseios de estudos e aprendizados, as minhas amigas Ana Danielle, Ana Rafaela e Suedy, pelo amor, apoio e carinho. E vez em quando, quase sempre com os computadores e que estão comigo sempre, desde a primeira graduação, ao curso de Pedagogia da UFPE que expandiu meu olhar para além de questões educacionais, apesar de ainda ter a certeza que tudo passa por ela. A Karina que sempre revisa meus textos e reclama muito pelos meus erros de concordância gramatical, nisso ela vai concordar!

A meus companheiros da turma 2015.2, em especial a Lucas Noia que sempre esteve do meu lado nos momentos mais incertos, você sempre será meu representante de turma e eu sempre vou ser sua secretária para assuntos aleatórios. Ao Paulo Sérgio que apesar de nossas diferenças de opiniões políticas se mostrou companheiro nos momentos mais inesperados.

Aos sujeitos dessa pesquisa que me ajudaram a entender um pouco mais dessa dinâmica e desse “prazer” que é consumir e, neste caso, não qualquer coisa, objetos, roupas, sapatos, mas sim, a bebida alcoólica.

E por fim e não tão menos importantes, aos meus professores do curso de Bacharelado em Ciências Sociais, na pessoa da professora Júlia Benzaquem, ao meu orientador professor Rodrigo Vieira de Assis que me abriu os caminhos sobre a biografia desse trabalho, pois confesso que estava perdida.

"Todo o Homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentará se necessário, outros meios de proteção social".

Declaração Universal dos Direitos dos homens

RESUMO

Esta monografia apresenta um pequeno estudo sobre o consumo de bebidas alcoólicas como forma de lazer nas classes populares do Recife, para analisar esse fenômeno recorre-se a teoria disposicionalista ou da ação e aos conceitos de classes sociais, lazer e consumo. Construimos assim dois retratos sociológicos para identificar os motivos ou fatores que levaram indivíduos situados nas classes populares a escolherem consumir bebidas alcoólicas como prática de lazer, ao invés de outras formas de uso do tempo livre. Levantamos a hipótese de que o consumo de bebidas alcoólicas é considerado por esses atores um ato corriqueiro, realizado por meio de disposições incorporadas construídas durante as suas trajetórias de vida. Ao mesmo tempo em que resultado desse cultivo de inclinações para essa prática, o consumo de bebidas alcoólicas contribuem, neste estrato social, para uma ampliação das redes de socialização que envolve dimensões concretas da vida social, como a familiar, a vida profissional e as relações comunitárias. Por isso, o consumo de bebidas alcoólicas é visto por esses indivíduos das classes populares como uma forma legítima de lazer, mesmo tendo consciência que há outras formas possíveis de divertimento que não necessariamente envolvem este ato. A relação dessas outras formas, contudo, de acordo com os dados dessa pesquisa, para serem tidas como legítimas precisam, tal como o consumo de bebidas alcoólicas, passarem por um processo contínuo de inscrição nos indivíduos, como predisposições para outras maneiras de pensar, de sentir e de agir no mundo social.

Palavras-chave: Consumo, Bebidas Alcoólicas, Lazer, Classes Populares, Disposições e Socialização.

ABSTRACT

This monograph presents a small study about the consumption of alcoholic beverages as a form of leisure in the popular classes of Recife, to analyze this phenomenon resorting to the dispositional theory or the action and to the concepts of social classes, leisure and consumption. We thus constructed two sociological portraits to identify the motives or factors that led individuals in the lower classes to choose to consume alcoholic beverages as a leisure practice, rather than other forms of free time use. We hypothesize that the consumption of alcoholic beverages is considered by these actors a common act, carried out by means of embodied dispositions built during their life trajectories. At the same time as a result of this cultivation of inclinations for this practice, the consumption of alcoholic beverages contribute, in this social stratum, to an expansion of socialization networks that involve concrete dimensions of social life, such as family, professional life and relationships Community policies. Therefore, the consumption of alcoholic beverages is seen by these individuals of the popular classes as a legitimate form of leisure, even though they are aware that there are other possible forms of entertainment that do not necessarily involve this act. The relationship of these other forms, however, according to the data of this research, in order to be considered legitimate, like the consumption of alcoholic beverages, must undergo a continuous process of enrollment in individuals, as predispositions to other ways of thinking, feel and act in the social world.

Keywords: Consumption, Alcoholic Beverages, Leisure, Popular Classes, Provisions and Socialization.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Metodologia.....	11
Capítulo I - As Teorias	14
As Classes Populares	15
Lazer.....	20
O consumo de Bebidas Alcoólicas.....	27
A Teoria Disposicionalista da Ação.....	33
Capítulo II - Stella Corona	40
A Infância.....	41
A Família.....	43
A Mãe Solo e Companheira.....	45
A Vida Escolar.....	46
Trabalho e Vida Econômica.....	51
Lazer, Consumo e Vida Comunitária	54
Carls Berg	59
A Infância.....	60
A Família.....	61
A Vida Escolar.....	62
Trabalho e Vida Econômica.....	63
Lazer, Consumo e Vida Comunitária	64
Capítulo III – Aproximações e distanciamentos entre dois retratos sociológicos.....	66
Considerações finais.....	71
Referências.....	73

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa partiu da ideia de que o lazer é uma das dimensões mais fundamentais da vida social, no seio da qual é possível identificar e revelar aspectos centrais da sociabilidade cotidiana e da reprodução das estruturas sociais. A importância do lazer na vida social é considerada, no caso brasileiro, por exemplo, entre as propriedades basilares dos direitos sociais prescritos na Constituição Federal de 1988, segundo a qual as condições de possibilidade do lazer, assim como da alimentação, da saúde, da educação, do vestuário, da higiene, do transporte e da previdência social devem ser concebidas e mantidas pelo salário mínimo nacionalmente estabelecido (cf. Título II – Dos Direitos Sociais – Art. 7º inciso IV).

Todavia, não é preciso muito esforço para considerarmos que há em uma sociedade como a brasileira, em que há uma ordem desigual de distribuição de oportunidades de vida, uma má distribuição também de acesso ao lazer. Os momentos de lazer foram se transformando em instantes direcionados às formas específicas de socialização do tempo livre, gerando práticas diversas e variáveis em função de quem busca o divertimento, tanto em termos de classe, quanto em termos de gênero e geração. Nas classes populares, por exemplo, que configuram o universo sobre o qual lançamos nosso olhar nessa pesquisa, verifica-se inúmeras práticas que parecem incluir o consumo de bebidas alcoólicas como parte fundamental do lazer, em detrimento de maneiras outras de aproveitamento do tempo-livre, como a frequência a museus, teatros, livrarias, cinema etc.

Uma resposta fácil a esse possível quadro, presente em noticiários e no senso comum, aponta para uma explicação que tem na dimensão econômica sua fórmula: não se opta por determinadas práticas de lazer em função do “alto custo de vida”. Contudo, essa lógica não se sustenta efetivamente se considerarmos que a maioria desses espaços de cultura legítima não requer necessariamente de um alto poder aquisitivo para serem acessados ou que as práticas que são escolhidas para serem praticadas, como festas familiares ou a frequência a bares, exigem também um gasto significativo para sua promoção, o que nos instigou a investigar quais sentidos é atribuído pelos indivíduos das classes populares ao lazer, observando de que modos este sentido é traduzido em práticas objetivamente levadas a cabo em estilos de vida classificáveis como típicos das classes populares.

Uma das formas de se pensar o lazer é por meio da ênfase nos aspectos prazerosos que as práticas de divertimento oferecem por si mesmas. Assim, o conceito de lazer voltado para a prática de atividades de prazer surgiu em referência à divisão social do trabalho e da Revolução Industrial, em que ocorreu o fracionamento do tempo em função de uma lógica econômica capitalista, atribuindo-lhe também valor, no sentido monetário¹. O indivíduo se vê obrigado a selecionar suas atividades de lazer e é nesse sentido que vem se tendo um grande crescimento nessas atividades envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas, realidade constatada pelo Levantamento Nacional de Álcool, feito pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) (LARANJEIRA et. al., 2007), que mostra que o consumo de bebidas vem crescendo nas classes populares².

Para analisar sociologicamente como os indivíduos nas classes populares se relacionam com a bebida alcoólica é preciso considerar a maneira como as próprias práticas desses indivíduos são (re)produzidas. Nesse sentido, Lahire, (2004) traz a teoria disposicionalista da ação que oferece um instrumento teórico-metodológico rico para a identificação das lógicas de funcionamento de diferentes estágios da socialização, primária e secundária, em que se pode perceber a constituição das disposições e inclinações para práticas sociais, como o consumo de bebidas alcoólicas atrelado aos momentos de lazer.

Os quadros de socialização primária estão ligados ao meio familiar que o indivíduo é inserido desde que nasce. Eles são importantes devido a sua forte influência no que diz respeito às práticas sociais familiares que vão sendo reconhecidas por seus membros como formas legítimas de cultura e hábitos, refletindo assim no decorrer de sua construção e trajetória de vida como indivíduo social que se tornam. Entretanto, sabemos que esses quadros de socialização são apenas um aspecto de vários outros, que o indivíduo se depara no percurso

¹ A apropriação do tempo pela lógica de produção capitalista, com seus efeitos no âmbito da cultura, pode ser identificada na elucidativa carta de Benjamin Franklin utilizada por ninguém menos do que Max Weber no seu trabalho dedicado à ética protestante e o espírito do capitalismo. Nela, Franklin, frisando a importância capital do tempo, chama a atenção para o potencial conflito entre tempo de lazer ou descanso e tempo de produção, observando, inclusive, o lazer e o descanso a partir de um julgamento moral de condenação. Em suas palavras: “Lembra-te que *tempo é dinheiro*; aquele que com seu trabalho pode ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais” (Franklin apud Weber, 2004, p. 43).

² Consideraremos classes populares tomando como parâmetro objetivo as faixas de renda utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a identificação dos estratos sociais brasileiros, assim definidas: Classe A – acima de 20 salários mínimos; Classe B – de 10 a 20 salários mínimos; Classe C – de 4 a 10 salários mínimos; Classe D – de 2 a 4 salários mínimos; Classe E – até 2 salários mínimos. Os estratos classificados pelas letras D e E são aqueles em que estarão situados os indivíduos que farão parte da amostra desta pesquisa.

de sua formação social, sendo a família a primeira instituição que lhe transmite hábitos - oriundos de gerações passadas e a escola e o trabalho, em que ocorrem as socializações secundárias, através das quais os indivíduos se singularizam enquanto tais.

São nas experiências vividas nas socializações secundárias que muitos desses indivíduos firmam sua individualidade, adquirindo e atualizando suas disposições para crer e para agir no seu meio social. É por meio da apreensão da maneira como o indivíduo percebe as relações estabelecidas nas socializações primária e secundária que se identificou os aspectos simbólicos, os hábitos, os conceitos de lazer e cultura que engendram e reproduz as práticas de consumo de bebidas alcoólicas como forma de lazer de quatro indivíduos oriundos das classes populares dos bairros de Bairro Novo, Janga, Salgadinho e Olinda que fazem parte da Região Metropolitana do Recife.

No primeiro capítulo fizemos uma revisão literária das teorias disposicionalista, classes populares, lazer e consumo de bebidas alcoólicas, para entender porque determinados indivíduos (re) significam seu ciclo cultural e suas práticas de lazer.

No segundo capítulo identificamos as principais rotas de acesso ao consumo de bebidas alcoólicas que foram responsáveis na consolidação das disposições que fizeram com que este consumo específico se tornasse uma atividade de lazer em seu tempo livre, analisando para isso a fala (discurso) desse indivíduo e construindo assim dois retratos sociológicos.

No terceiro capítulo trazemos a relação familiar e de trabalho e como as mesmas influenciaram a trajetória de vida e as suas escolhas de lazer, principalmente em que momento dessa trajetória surgiu o consumo de bebidas alcoólicas, como foi esse momento e porque ele se transformou numa escolha para os momentos de lazer.

Assim trataremos uma conclusão parcial, visto que retomaremos a nossa pergunta inicial e o nosso objetivo geral, destacando para tal a análise do conteúdo dos discursos dos indivíduos ouvidos e se os mesmos foram contemplados ou se precisaremos retornar com essa pesquisa posteriormente.

METODOLOGIA

A metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem científica da realidade (MINAYO, 2009). Nesse sentido, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização (a técnica) e a criatividade do pesquisador, que pressupõe e contempla suas experiências, sua capacidade e sua sensibilidade.

Diante da natureza própria do objeto aqui investigado, a metodologia escolhida foi de ordem qualitativa, entendida como um processo de trabalho em espiral que começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou produto que, por sua vez, dá origem a novas interrogações (MINAYO, 2009, p. 26). Isso porque esse ciclo de pesquisa divide o processo de trabalho científico em três etapas: 1) fase exploratória; 2) trabalho de campo; 3) análise e o tratamento do material empírico e documental.

Buscando atender a essas etapas, esta pesquisa foi desenvolvida pela articulação de diferentes eixos estruturantes, inter-relacionados entre si. Sendo à definição dos sujeitos alvos de nossa inquirição, em que se realizou um duplo movimento entre exploração e indução. A exploração se deu pela realização do questionário utilizado em toda a pesquisa, um roteiro de entrevista semiestruturada constituído de modo a permitir a construção de retratos sociológicos de agentes individuais (Lahire, 2004). A entrevista se caracterizou como uma conversa com propósitos bem definidos, com uma coleta de dados objetiva e subjetiva, que tem na narrativa da pessoa entrevistada sobre si mesmo a chave por meio da qual acessa a realidade tal como percebida pelo indivíduo em questão.

A entrevista semiestruturada utilizada nessa pesquisa também foi organizada em tópicos essenciais para apreensão das experiências de socialização, vividas por consumidores freqüentes de bebidas alcoólicas e destilados, no intuito de identificar como o consumo de álcool passou a integrar a rotina de vida dessa pessoa. Assim, tratamos especificamente da vida de indivíduos situados nos setores populares, identificados a partir das seguintes variáveis objetivas: local de moradia, ocupação e renda, tanto homens quanto mulheres, de faixa etária entre os 20 anos e os 40 anos de idade.

Os tópicos essenciais nesta pesquisa se deram a partir dos objetivos específicos sobre as rotas de acesso ao consumo de bebidas alcoólicas, a relação familiar, profissional e de lazer desses indivíduos consumidores de bebidas alcoólicas e qual ou quais os sentidos dados ao lazer por esses mesmos indivíduos.

O campo de pesquisa foi o domicílio e o trabalho dos indivíduos que fazem parte de comunidades diversas da Região Metropolitana do Recife – RMR, levamos em consideração alguns aspectos, como por exemplo, grande parte dos seus moradores serem oriundos da classe popular, ou seja, na classe E, que segundo dados do IBGE está localizada na faixa salarial de um a dois salários mínimos, que compreenda o círculo das 6 Regiões Político-Administrativas – RPAs do Centro de Recife e que apresente um grande índice de bares, botecos e movimentações sociais e culturais.

Escolhemos 6 indivíduos, três homens e três mulheres, que afirmaram ter em sua trajetória de vida, experiências marcadas pelo consumo de bebidas alcoólicas frequentemente em seus momentos de lazer, desses seis indivíduos, a pesquisa foi realizada apenas com quatro. Cada um deles foi entrevistado duas vezes, devido ao tempo para alcançar os dados necessários para realização da pesquisa. Dois indivíduos foram entrevistados em sua residência e os outros dois em seus locais de trabalho. As escolhas dos locais se deram como forma de não atrapalhar a dinâmica dos mesmos, de modo a nos inserir em suas rotinas e de não tirá-los dos lugares nos quais passam mais tempo na sua vida cotidiana.

As entrevistas com os sujeitos foram gravadas e posteriormente transcritas para análise, no intuito de construir dois retratos sociológicos que nos permitiu lançar luz sobre dimensões não apenas típicas a um universo de classe, mas, sobretudo, a considerar aspectos singulares dos agentes que contribuem para explicar a maneira como o indivíduo foi socialmente condicionado.

Assim, as entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com os indivíduos dos setores populares abordaram diferentes aspectos de suas vidas, de modo a apreender as relações entre diferentes domínios de práticas e experiências: família, trabalho, práticas de lazer e divertimento, etc. Retratar sociologicamente o indivíduo pode iluminar as variações, individualizações e a heterogeneidade de disposições que constituem o ator plural de que fala Lahire (2004).

Buscamos compreender as falas dos entrevistados de maneira crítica a partir da Análise do Conteúdo, que visa averiguar a hipótese e ou questões, ou seja, através da Análise do Conteúdo, pudemos encontrar respostas para as questões formuladas e também pudemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho. (MINAYO, 2009).

Com a Análise do Conteúdo, pudemos averiguar o que está por trás dos conteúdos apresentados. Se os agentes individuais compreendem suas vidas a partir de pontos de vistas fundamentados em rotinizações da vida cotidiana, que tenderam, ao longo do tempo, a se naturalizar, tratando assim o conjunto global dos sentidos apresentados em suas falas cuidadosamente, organizando esses sentidos e destrinchando as lógicas que justificam a si mesmos como indivíduos que fazem uso do consumo de bebidas alcoólicas como parte do seu lazer.

CAPÍTULO I

As Teorias

As teorias escolhidas aqui para esta monografia, busca mostrar como as relações sociais através da socialização entrelaçam inúmeros códigos e símbolos culturais, que circunscrevem o cotidiano das classes populares no que diz respeito ao lazer e ao consumo de bebidas alcoólicas que de certa forma caminham juntos como configuração de disposições de um Ethos.

A tarefa foi entender como as classes populares trás consigo as disposições internas e externas, como elas refletem nas práticas de lazer e, como essas por sua vez estão correlacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas.

Fica evidenciado na sociedade nos dias atuais que o tempo liberado para o lazer, de certa forma busca melhorar, em alguns casos, a renda familiar já que o salário mínimo muitas das vezes não contempla determinados direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988, relegando as classes populares a práticas de lazeres menos saudáveis no que diz respeito a uma aquisição mais ampla da cultura.

Isto porque as desigualdades sociais, advindas da dimensão econômica pautada pelo sistema capitalista, ainda é o que mais pesa, na escolha de determinadas práticas de lazer pelas classes populares, que acabam por construir ou eleger outras práticas de lazer que lhes são mais próximas e que fortalecem laços comunitários e sociais.

É diante desse contexto que a teoria disposicionalista ou da ação, traz pressupostos para entender como as classes populares, internalizam essas novas práticas no intuito de identificar como que esse consumo de bebidas alcoólicas pode se transformar numa prática de lazer que não atrapalha as relações sociais, profissionais e comunitárias desses sujeitos, para tal, utilizou-se os conceitos de classes populares, lazer, consumo de álcool e a teoria da socialização.

As Classes Populares

Quando falamos de classes populares, não temos como não nos remetermos a classe proletária, isto porque o advento da Revolução Industrial no século XVIII trouxe grandes transformações tanto na antiga sociedade feudal, como também nos indivíduos pertencentes a esta mesma sociedade recém industrializada, justamente porque se deu neste momento a divisão social do trabalho e conseqüentemente a divisão de classes.

Com a acessão da burguesia, a sociedade desse período se consolidou como a classe detentora dos meios de produção, enquanto que a outra parte dessa sociedade se firmou como os trabalhadores, aqueles que apenas detêm a força de trabalho.

Constitui-se assim no começo do século XIX uma clara divisão da sociedade industrial em duas, sendo estas, os burgueses e os proletários, na qual, se construiu uma relação bastante conflituosa e desigual, vide os escritos de Marx e Engels³. Está última viu a necessidade de uma organização diante da nova ordem econômica que os relegou aos guetos e subúrbios das cidades, com condições de vida e moradia bastante precárias.

No entanto sua organização também se deu na esfera trabalhista, levando-os a buscar melhorias nas condições de trabalho, de salários e em geral de vários outros direitos que lhes eram negados e que foram sendo conquistados ao longo de muito tempo através de inúmeras lutas. Sarti (1994, p. 19) afirma que isso foi o “[...Resultado de um processo de transformação do sistema econômico e social que afetou tanto a cidade como o campo, redefinindo as relações sociais em todo o país...]”.

Diante dessa conjuntura nova, a questão social nesse período era o tema mais recorrente entre os escritos de muitos teóricos tanto da época como de hoje em dia, que trazem uma profunda reflexão das condições da classe operária à época na Inglaterra recém industrializada, que nos fazem refletir até os dias atuais em relação a essa disputa de poder entre essas duas classes.

³ Marx e Engels escrevem inúmeros textos sobre a classe operária e burguesa, sendo alguns como O Manifesto do Partido Comunista, publicado pela primeira vez em 1848, A Ideologia Alemã de 1845 e A Situação da Classe Trabalhadora da Inglaterra de 1845 entre outros.

No entanto a situação da classe trabalhadora se deu de diferentes formas ao redor o mundo, porém é também de comum acordo entre estudiosos da área que alguns aspectos foram, em grande medida, parecidos em determinados momentos. Aqui no Brasil a industrialização deu-se no primeiro governo do então Presidente Getúlio Vargas no período de 1930 a 1945 e teve um foco voltado para as industriais nacionais.

No final do século XIX, os cafeicultores começaram a investir seus lucros nos estabelecimentos industriais nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente nos setores de tecidos e calçados. E como em todos os outros países, em sua maioria a mão-de-obra era imigrante que formavam a classe trabalhadora dessa época, nesse período foi criada a Petrobrás, os setores industriais brasileiros foram se desenvolvendo ao longo das décadas em outros governos, como o de Juscelino Kubitschek de 1956 a 1961, no qual trouxe várias indústrias do setor automobilístico como a Ford, a General Motors, a Volkswagen e a Willys. Criando assim uma classe trabalhadora bastante heterogênea, já nas últimas décadas do século XX, anos de 1970, 80 e 90 a industrialização apesar de algumas crises econômicas continuou a crescer.

Assim como a classe operária da Inglaterra no século anterior tiveram que se organizar em movimentos em defesa de inúmeros direitos trabalhistas, a classe operária brasileira fez o mesmo. Segundo Aguiar (2012, p. 4-5)

Diz que estudos sobre a classe trabalhadora consideram que eles enquanto classe consiste três poderes são eles: o poder de associação, aquele que emana da organização coletiva dos mesmos, o poder estrutural que é aquele conferido aos trabalhadores apenas em virtude de sua posição no campo econômico e o poder de barganha no local de trabalho que vem da localização de certo grupo de trabalhadores (grifo nosso)

Neste contexto essa classe operária acaba por constituir-se em uma nova composição econômica e social que traz consigo um grande conhecimento cultural, visto que a mesma também carrega uma sociabilidade cultural que solidifica a sua coesão como classe trabalhadora pertencente a um grupo social.

A classe operária, não é apenas uma estrutura, mas um processo, ou seja, um conjunto que articula práticas coletivas que envolvem as dimensões política, econômicas e ideológico-cultural, que vêm imbricados de historicidades, pois se constitui como agente

social coletivo, que visa à emergência da mesma, numa relação coesa e autoconsciente de sua posição na estrutura da sociedade com capacidade de intervenção no que concernem as suas transformações.

É nessa afirmação social, que a classe trabalhadora se concretiza numa série de propriedades estruturantes que se fundamentam na organização da vida social como um todo, envolvendo sempre a família, a profissão e a comunidade em seu entorno, constituindo assim a classe operária nas classes populares.

Está por sua vez ao longo do tempo descobriu que com seus direitos garantidos, por inúmeras leis trabalhistas⁴, descobriu também o direito de consumir. Este trouxe modificações nos padrões de vida dessa população, que apesar de não terem acabado com as desigualdades sociais, aumentou a inserção da mesma na cultura do consumo de massa.⁵

Posto nesta perspectiva a classe operária, vista como classe popular é considerada numa profundidade mais ampla, que segundo Alves (2014) traz a toma a teoria das classes sociais de Bourdieu⁶, quando o mesmo pensa as mudanças da sociedade brasileira, como algo maior do que apenas as propriedades econômicas de acordo com Alves (2014, p. 1)

Bourdieu concebe o pertencimento de classe não apenas pela propriedade ou ausência de propriedade, mas pela apropriação diferenciada dos diferentes tipos de capital (capital econômico, capital cultural, capital social etc.). Desse modo, sua definição implica não apenas as propriedades econômicas das classes sociais, mas também seus recursos culturais, em termos de títulos escolares e de meios não-escolares de se apropriar da cultura legítima, como através da socialização familiar, que pode inculcar disposições para a leitura, a escrita ou uma disposição estética, que colocam alguns grupos sociais em vantagem na competição social com outros grupos, desprovidos dos mesmos recursos.

Assim a classe popular pode ser vista como indivíduos possuidores de recursos culturais que nos permite adentrar em várias esferas, como por exemplo, seus estilos de vida. E é nesse sentido que a classe popular nos dá embasamentos mais complexos, além dos

⁴ Aqui no Brasil, as Leis Trabalhistas foram conquistadas com a criação da CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas, no Governo de Getúlio Vargas em 1º de Maio de 1943, durante o regime do Estado Novo.

⁵ Ver o tópico sobre Consumo de álcool neste trabalho.

⁶ Bourdieu, sociólogo francês da segunda metade do século XX é autor de várias teorias, entre elas a teoria do Capital Cultural publicado pela primeira vez em 1979, estes podendo ser social, cultural, econômico e simbólico.

econômicos, colocando assim essa dimensão numa ceara de inúmeras possibilidades de pesquisas e estudos.

Uma delas refere-se ao estilo de vida dessas classes populares, que tentam analisar como esses indivíduos buscam a acessão social e seu reconhecimento como parte pertencente da sociedade pós-moderna, capitalista voltada para um consumo de massa. Como fala Sarti (1994, p.23) “As possibilidades de consumo se ampliaram relativamente ao que era antes pela própria expansão da sociedade de consumo que, num mecanismo de “participação excludente”, reserva uma fatia de seu mercado à população de baixa renda.”

Sarti (1994, p. 27) afirma ainda que isso decorra da acessão social advinda da educação, pois para ela, “O domínio da leitura e da escrita, pensadas como instrumento de adequação aos códigos urbanos é esperança depositada nos filhos, como, entre tantos outros.” São de acordo com esse pensamento sobre a classe popular, como uma dimensão mais ampla, que visamos analisar seu estilo de vida, através das dimensões do consumo de bebidas alcoólicas e do lazer como práticas sociais, que se vale de estruturas estruturantes⁷ e disposições socializantes⁸ que retratam seu modo de vida e suas relações sociais, políticas e culturais.

As classes populares estão muito atreladas ao consumo popular, que tem tido grande visibilidade e é visto como um verdadeiro fenômeno nacional, segundo Scalco et al. (2010, p. 321) “esta diretamente relacionado a políticas de distribuição de renda e de aumento de linhas de créditos, cujo efeito mais imediato é a ampliação do poder de compra de uma grande parcela da sociedade brasileira.”

Neste estudo cabe ressaltar que estamos focando na classe E, que de acordo com o status social, referenciado pela dimensão econômica utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e revisada em 2018. Entretanto não é o viés econômico que nos motiva nesse momento, mais sim, as relações que o direito de consumir qualquer produto se reflete nas escolhas de estilos de vidas que este extrato social adquire ao longo de sua

⁷ Ver mais sobre esse conceito na Teoria do Habitus de Pierre Bourdieu.

⁸ Ver mais sobre esse conceito em Lahire e na Teoria Disposicionalista ou da Ação.

trajetória pessoal dão conta de explicar o seu contexto social e porque os mesmos valorizam tanto a dimensão simbólica do consumo e do lazer, outros dois conceitos utilizados aqui.

A classe E demonstra grandes sinais de disposições heterogêneas adquiridos, em grande medida, pelo aumento do poder aquisitivo, ocorridos durante os períodos de 2003 a 2013, dando-lhes outro olhar, no que se refere a questões econômicas, que refletiram nas dimensões sociais e culturais. Essa classe é identificada por características singulares que condizem com esse status.

Como vimos anteriormente, as classes populares são oriundas da classe trabalhadora, assim esse extrato social tem em sua família e parentes uma base, um conjunto de indivíduos que formam e pertence a um determinado grupo social. Assim elas se interrelacionam-se uns com os outros em vários momentos da vida, porém a uma tendência que levam esses indivíduos a se expandir para além das relações familiares, o mundo social se amplia e são construídas outras relações com o meio profissional e o comunitário.

Essas relações sociais se estabelecem por meio de confiança e de valores morais que se completam no que diz respeito às maneiras de pensar, sentir, agir e ser que caracterizam esses grupos sociais como sendo detentores de contextos sociais e históricos que são passados de geração em geração, no intuito de compartilhar disposições socializadoras que irão configurar mais adiante outras relações sociais com novos indivíduos, podendo pertencer ao mesmo grupo social ou a outro.

Nesse sentido as relações sociais nas classes populares são parte integrante de seu comportamento, entretanto visa também um controle social que busca sempre uma adequação desses indivíduos em relação a outros contextos sociais e mundos que se estende para o convívio social, familiar e profissional.

Lazer

Para Dumazedier (1974), o lazer irá surgir para alguns teóricos como sendo uma realidade multipresente ou como uma ilusão ideologizada, posto que o lazer será anunciado pelos mesmos como uma das muitas formas de expressão do ser livre em si mesmo. Segundo o autor o lazer também será colocado como substituto do trabalho alienado ou do trabalho reformado, que deverá ser reduzido cada vez mais a um mero passatempo.

O lazer sempre foi pensando como aquele tempo fora do trabalho, este sendo uma possível consequência do advento da Revolução Industrial e da acessão da sociedade moderna industrial e de toda uma luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e direitos, este também relacionado à diminuição das horas de trabalho que conseqüentemente irá aumentar o tempo de lazer.

Após a guerra de 1940, os estudos sobre essa temática do lazer ganhou uma dimensão que vai ser marcada pelo consumo, pela cultura e principalmente pelo lazer de massa, visto que é uma temática que envolve diversos contextos e faz relação com outras tantas, por isso alguns teóricos sempre o vê relacionado com algumas delas, como, lazer x trabalho, lazer x família, lazer x mulher, e assim por diante como em relação à religião, a política e a cultura.

Neste contexto as origens do lazer segundo Dumazedier (1974), ficam um tanto obscurecidas, já que alguns teóricos estudados por ele consideram que o lazer existiu em todos os períodos da história da civilização e que o mesmo é tão antigo quanto o próprio trabalho, entretanto para autor do livro *Sociologia empírica do Lazer 1974*, o lazer possui características específicas advindas da Revolução Industrial.

Nas sociedades pré-industriais do período histórico, o lazer não existe tampouco. O trabalho inscreve-se nos ciclos naturais, das estações e dos dias: é intenso durante a boa estação, e esmorece durante a estação má. Seu ritmo é natural, ele é cortado por pausas, cantos, jogos, cerimônias. Em geral se confunde com a atividade do dia: da aurora ao pôr-do-sol. Entre Trabalho e repouso, o corte não é nítido. Nos climas temperados, no decurso dos longos meses de inverno, o trabalho intenso desaparece para dar lugar a uma semi-atividade durante a qual a luta pela vida é, muitas vezes, difícil. O frio e mortífero; a fome frequente, conjuga-se às epidemias. Esta inatividade é suportada; ela é amiúde associada a um cortejo de adversidades. Evidentemente, não apresenta as propriedades do lazer moderno. (Dumazedier 1974, p. 26)

Dumazedier afirma ainda que:

Estes ciclos naturais são marcados por uma sucessão de domingos e festas. O domingo pertence ao culto. As festas muitas vezes são ocasiões de um grande dispêndio de alimentos e de energias; constituem o inverso ou a negação da vida cotidiana. Os festejos são indissociáveis das cerimônias; dependem geralmente do culto, não do lazer. Assim, embora as civilizações tradicionais da Europa tenham conhecido mais de 150 dias sem trabalho por ano, não nos parece possível aplicar o conceito de lazer para analisá-los. (p.26)

Ele então traz um conceito de lazer que não tenta retirar o trabalho como uma de suas dimensões, muito pelo contrário, para Dumazedier (1974), o lazer pressupõe o trabalho, portanto deve corresponder justamente a uma liberação periódica do mesmo, seja ela, no final do dia, da semana ou do ano e que esta liberação esteja relacionada à vida profissional.

Para isso acontecer nas sociedades modernas industriais duas concepções foi decisiva na vida social no intuito de tornar o lazer algo possível para a classe trabalhadora. Para Dumazedier (1974, p. 28) isso só será possível se:

a) As atividades da sociedade não mais são regradas em sua totalidade por obrigações rituais impostas pela comunidade. Pelo menos uma parte destas atividades escapa aos ritos coletivos, especialmente o trabalho e o lazer. Este último depende da livre escolha dos indivíduos, ainda que os determinismos sociais se exerçam evidentemente sobre esta livre escolha e b) O trabalho profissional destacou-se das outras atividade. Possui um limite arbitrário, não regulado pela natureza. Sua organização é específica, de modo que o tempo livre é bem nitidamente separado ou separável dele.

Contudo Dumazedier (1974) aponta para um futuro que não se concretizou, quando traz as previsões de outros teóricos, como é o caso de H. Kahn e A. Wiener quando os mesmos se referem às transformações do capitalismo e conseqüentemente das horas voltadas ao labor. Isto porque as relações de trabalho se diversificaram ao longo desses 45 anos, principalmente por causa da Terceira Revolução Industrial, mais conhecida como Revolução Tecnológica ou Digital que se deu no final do século XIX início do XX e que não só transformou essas relações trabalhistas como também a relação com o tempo.

O capitalismo, ou melhor, o sistema econômico vigente não se transformou em um capitalismo produtivo nem muito menos humanitário, como previu os colegas de Dumazedier (1974), ao longo desses anos fez somente se fortalecer e se apropriar das transformações da era tecnológica e também das novas relações de trabalho, de tempo e de lazer, já que

- a) O estado de desenvolvimento avançado das forças produtivas (maquinismos, organizações homens qualificados) possibilita os mais variados níveis de produção
- e b) Estes níveis de produção são obras de uma produção ativa cuja maioria não mais está no setor agrário, nem no setor industrial, mas no setor de serviços ou setor ‘pós-industrial’. (Dumazedier, 1974 , p.31)

Entretanto Dumazedier (1974) coloca que apesar de um aumento significativo do tempo livre no decorrer dos anos, as sociedades pós-industriais ou científico-técnico não serão contempladas por esse advento do “tempo liberado”, pois parte dos trabalhadores assumiram cada vez mais semanas ou longos anos de trabalhos e isso se dará por diversos fatores entre eles porque “Uma parte dos trabalhadores, seja porque o trabalho é para eles fonte de criação cultural, ou de responsabilidade social, seja porque as necessidades de consumo são as mais fortes, seja por desinteresse para com as atividades do tempo livre.” Dumazedier, (1974, p.35)

Com isso Dumazedier (1974), aponta que esse tempo livre produzido pelas sociedades científico-técnico produzirá não formas de lazer nem de tempo liberado, mas sim aquilo que ele chamou de “bicos” ou um segundo emprego, este sendo mais uma vez remunerado mesmo que seja clandestino, ou seja, os sujeitos oriundos dessa sociedade pós-moderna, não sabendo lidar com esse tempo e criando um sentimento de vazio acaba por substituir esse tempo livre que seria voltado para o lazer com um segundo trabalho.

Com todas essas transformações tanto nas sociedades industriais quanto nas relações de trabalho, Dumazedier (1974), vai então questionar a finalidade desse tempo livre que para ele deve vir reduzido do tempo de trabalho profissional, porém este em muitos casos é voltado para as atividades familiar, sócio-políticas e sócio-religiosas, visto que este tempo livre é considerado muita das vezes como um semilazer e teria um caráter mais familiar e este aumentaria a coesão desse grupo devido o desenvolvimento do automóvel, da televisão, das férias e dos fins de semanas favorecendo assim as práticas relacionadas aos parentes.

Neste contexto sobre o tempo livre voltado para as atividades familiares, Dumazedier (1974), ressalta a questão desse tempo em relação à situação das mulheres, visto que há uma demanda maior para esse segmento da sociedade, isto levou com que alguns sindicatos na França revissem sua posição em relação à igualdade de trabalho, tanto masculino quanto feminino.

Isto, hoje não é tão diferente quanto a essa parcela da população, as mulheres na sociedade pós-moderna, avançaram em inúmeras reivindicações e principalmente em direitos. Porém continua há dividir seu tempo com o trabalho profissional, o trabalho doméstico, a família e o tempo liberado, ou seja, aquele dedicado ao lazer pessoal.

Historicamente, o direito ao lazer é definido em relação ao trabalho profissional; os homens é que o reivindicaram: “o direito à preguiça é o grito de um homem erguido contra a redução do trabalhador ao papel de produtor”. Para as que trabalham no lar ainda não soara a hora! Elas tinham tão-somente direito ao repouso indispensável à recuperação das forças destruídas pelos serviços dedicados à casa, às crianças e ao homem, até recentemente “as atividades femininas se exerceram num clima de dever moral, enquanto que seus lazeres muitas vezes são vividos numa semiculpabilidade”. (Dumazedier 1974, p.45)

Para além das dimensões sócio-religiosas, sócio-políticas e tecnológico-econômica que Dumazedier (1974) traz em seus estudos sobre o lazer, uma explicação de como se dá o progresso do tempo livre, é aquela em que o tempo livre se consolida através de um conjunto étnico-social de movimentos simultâneos entre essas dimensões, ou seja, para Dumazedier (1974, p. 57)

Sua razão de existir não é mais o funcionamento de uma instituição, mas a realização do indivíduo. Por isso é que R. Richta diz que na sociedade do lazer a subjetividade dos indivíduos torna-se em si mesma um valor social. Esta nova necessidade social, ainda que fortemente sentida por um número crescente de indivíduos, é sem dúvida difícil de ser conceituada em nível científico.

Em acordo com isso, Dumazedier (1974, p. 58) afirma ainda que

Tais necessidades estão evidentemente em interação permanente com as condições subjetivas e objetivas que as favorecem ou as contrariam... São as do mercado econômico que as padronizam, tradições éticas que as censuram ou as canalizam, políticas que tentam manipulá-las, em função de objetivos muitas vezes estranhos às aspirações de livre expressão e comunicação da personalidade. É evidente que o lazer não possui a miraculosa propriedade de anular os condicionamentos sociais, nem de instaurar o reinado da liberdade absoluta, mas a

liberdade de escolha dentro do tempo de lazer é uma realidade, mesmo que limitada e em parte ilusória.

Nos seus estudos sobre a Sociologia Empírica do Lazer, Dumazedier (1974), vai apontar que ao longo do tempo as sociedades pós-modernas, ou melhor, seus indivíduos terão mais controle do seu tempo livre e conseqüentemente do seu lazer, fazendo com que esse trabalhador já conquistador de vários outros direitos se veja como um ser capaz de transformar seu meio é o que acontece justamente no grupo familiar, o provedor já começa a negociar com seus membros as horas de lazer de cada um, os jovens também já começam a reivindicar suas próprias horas de lazer com seus pares.

No lazer, os valores do individualismo devem ser igualmente reconsiderados num sentido oposto: jogos, viagens, relações afetivas ou estudos pessoais, ontem considerados por muitos como perda de tempo, uma diversão suspeita ou um atentado aos deveres familiares, sociais, tendem hoje, em certas condições ainda tênues e variáveis em cada situação, a se tornarem novas exigências da pessoa. Neste tempo prescrito pela nova norma social, nem a eficiência técnica, nem a utilidade social, nem o engajamento espiritual ou político constituem a finalidade do indivíduo, mas sim a realização e a expressão de si mesmo. (Dumazedier 1974, p. 60)

Por outro lado, o próprio autor afirma que esta hipótese pode ser contestada, posto que sua comprovação deriva de um conjunto de estudos conduzidos por sociólogos e historiadores, pois para ele e outros teóricos tanto neoliberais quanto marxistas, essa sociedade do lazer é apenas um reflexo da produção capitalista.

O lazer e o consumo são uma mesma e única realidade. Esta realidade é um produto não da sociedade industrial avançada, mas do sistema capitalista de produção, de distribuição e de consumo. Estamos convencidos de que este sistema selvagem, orientado pela busca do lucro máximo, malgrado alguns setores protegidos, desenvolve certos tipos de bens e serviços de conforto ou de lazer onde o interesse dos empresários é melhor servido que a exigência da personalidade. Já falamos disso. Voltaremos ainda ao assunto. É um problema crucial para a orientação do conteúdo social e cultural de lazer de massa. (Dumazedier 1974, p. 61)

Entretanto a eminência de uma perpetuação dessa produção do capitalismo ao longo dos anos consolidou outro elemento importante, o consumo, que neste período aumentou consideravelmente junto com o lazer de massa que trouxe influências determinantes ao caráter social. Segundo Dumazedier (1974, p. 74) “isso ocorre porque é no tempo livre do trabalho, principalmente, no lazer, que os indivíduos podem consumir os bens e serviços culturais”.

Ao passo que as sociedades industriais se transformaram, o lazer foi tomando outras proporções, com os avanços da área tecnológica fez surgir outras formas e outros lugares voltados para práticas e/ou atividades de lazeres, exemplo disso, é que hoje, na segunda década dos anos 2000, os indivíduos preferem frequentar shoppings, bares, restaurantes, praias, shows de cantores de sua preferência, partidas de futebol entre outros que trazem um ganho significativo ao campo cultural.

Porém o próprio autor chama a atenção para os ganhos referentes às atividades de lazer e de tempo livre, para ele, esses ganhos beneficiariam uma grande parte dos trabalhadores e se tornaria um fato concreto, entretanto não é o que podemos perceber com a nova ordem tecnológica que vem crescendo nestes últimos dois séculos envolvendo a dimensão social do lazer, esse tempo fora do trabalho conquistado, não será realidade para a grande maioria dos trabalhadores assalariados relegando aos mesmos formas de lazeres menos legítimas pelas classes dominantes.

Para Dumazedier (1974), as questões envolvendo essa dimensão do lazer podem ser explicadas por quatro propriedades que transformam o lazer num fato social total e lhe cria um sistema de características que é constitutivo do próprio lazer e sem elas, ele não poderia existir, Dumazedier (1974) nomeia-os como caráter liberatório, desinteressado, hedonístico e pessoal.

Para esse estudo, nos interessa o caráter pessoal, no qual segundo Dumazedier (1974), sugere que todas as manifestações de lazer são concebidas pelo interesse dos próprios indivíduos já que está ligada a realização das virtudes desinteressadas do homem total, concebido como um fim em si mesmo. É por isso que Dumazedier (1974, p. 96-97) chama a atenção para três necessidades que fazem o lazer mais completo, para ele essas necessidades buscam

Oferecer ao homem as possibilidades da pessoa libertar-se das fadigas físicas ou nervosas que contrariam os ritmos biológicos da pessoa. Ele é poder de recuperação ou ensejo de flanação. Ele oferece a possibilidade da pessoa liberta-se do tédio cotidiano que nasce das tarefas parcelares repetitivas, abrindo o universo real ou imaginário do divertimento, autorizado ou interdito pela sociedade. Ele permite que cada um saia das rotinas e dos estereótipos impostos pelo funcionamento dos organismos de base; abre o caminho de uma livre superação de si mesmo e de uma liberação do poder criador, em contradição ou em harmonia com os valores dominantes da civilização.

O que podemos concluir com a sociologia empírica do lazer, de autoria de Dumazedier é que estes estudos apontam que em decorrência do processo de desenvolvimento pós-industrial envolvendo as sociedades tecnológicas, a produção do tempo, das atividades e dos valores de lazer não se refere tão somente à redução do tempo de trabalho profissional e também da redução da coerção sócio-política e sócio-religiosa nas atividades.

Ele também chama a atenção para as lutas dos movimentos sociais em favor desse tempo livre, não somente pelos trabalhadores mais também pelas mulheres, pelos jovens e aposentados. As relações de lazer se mostram como um meio para o descanso e para outras atividades de escolhas pessoais que levem a distração de tempos em tempos num processo crescente que provoca o interesse maior na realização pessoal, seja ela em qualquer nível.

Sendo assim, o tempo voltado para o lazer que desperta prazer e consolida relações sociais entre amigos, familiares e comunidade ainda ficam relegados ao segundo plano, bem como as relações desse lazer mais voltado para a distração e a renovação das energias, principalmente quando se envolve crianças. Ainda há nas sociedades pós-industriais ou tecnológicas um maior envolvimento dos seus profissionais e, conseqüentemente do seu tempo na realização da vida profissional, com o intuito, bastante contraditório de se chegar a um determinado nível social e/ou de dar uma melhor condição de vida a seus familiares.

Entende-se que o lazer é uma dimensão importante para o desenvolvimento humano, principalmente neste século XXI, que é o tempo das tecnologias em que cada vez mais os indivíduos estão interligados e conectados sempre. O lazer em muitos casos passou a representar um momento nas redes sociais ou um intervalo entre um expediente e outro, seja ele em casa ou no âmbito profissional, visto que em decorrência de algumas profissões exigirem certa disponibilidade que não deixa margem para um tempo livre que contemple variadas formas de lazer.

Consumo de Bebidas Alcoólicas

Assim como para falar das classes populares, tivermos que nos remeter as classes operárias da Revolução Industrial, o mesmo acontece com o Consumo de Bebidas Alcoólicas, para entendermos essa disposição, precisamos entender como se dá essa dimensão complexa sobre o que se trata o consumo, bem como a Revolução do Consumo e o consumo de massa. Segundo Taschner (1996/7, p. 28.) “o consumo, ainda que determinado pela produção é um momento que tem seus desdobramentos e condicionantes” num processo que envolve tanto dimensões simbólicas e a sua relação como também a dimensão cultura de uma sociedade.

Para a autora de *Raízes da Cultura do consumo*, isto se dá através da possibilidade que houve a partir do momento em que as “imagens” dos bens se tornaram acessível a essa sociedade por meio das transformações que houve nas cortes da França e da Inglaterra no final do século XVIII-XIX, quando o consumo passou pela Revolução Industrial e conseqüentemente por uma Revolução do Consumo.

Taschner (1996/7) repensa o período de formação da sociedade capitalista contemporânea, a partir de padrões de consumo, entrelaçados com mudanças culturais e políticas, que transformou o consumo num conjunto de imagens e símbolos que vão sendo criados e recriados, associados aos bens, além de novas formas de comportamento efetivo no modo de pensar e sentir de segmentos cada vez mais amplos da população da chamada sociedade ocidental.

O consumo foi introduzido primeiramente como forma de acessão de classe nas cortes francesas, os cortesãos e burgueses ansiavam por um lugar de destaque ao lado do rei e nobres que formavam um ciclo restrito. Com isso Taschner (1996/7, p. 29) aponta como principio desse fenômeno, o consumo por ela denominado de Consumo Conspícuo, nada mais era do que aquele consumo que era visto, facilmente notado associado a uma emergente classe ociosa. Segundo Taschner (1996/7, p. 30) Essa classe coincide justamente com o começo da propriedade privada, iniciada pela propriedade da mulher pelo homem, logo em seguida este conceito de propriedade se estendeu às coisas.

Nas sociedades Ocidentais a comunidade industrial era mais ou menos auto-suficiente, e a corrida, ou melhor, o desejo individual de exceder a todo mundo na acumulação de bens, causava um sentimento de competição, disputas e concorrências na intenção de superar ou igualar-se a outrem.

Taschner (1996/7, p. 31) ressalta que o peso desse processo de competição entre os indivíduos, feita pela aquisição de bens, para a manutenção do status que eles possuem ou para a obtenção de um mais elevado, na adaptação de uma cultura do consumo, não deve ser subestimada.

O processo de produção e reprodução social das cortes surgiu com um conjunto de regras e etiquetas e foi por meio delas, que se começaram a conter impulsos, de agressividade e de emoções, de funções, ruídos e odores do corpo. As sociedades ocidentais evoluíram tanto, no que diz respeito ao consumo e toda sua representação que o desenvolvimento do Estado moderno está na base da chamada sociedade de consumo.

Diante de tudo que foi exposto, podemos entender que o consumo de bebidas alcoólicas tem origem na relação com as sociedades modernas ou de massas, que estão sempre a re-configurar seus códigos e símbolos que visam um status mais elevado do ethos. Assim o consumo de bebidas alcoólicas se antes estava ligado a um processo de frustração, hoje, ele é visto como uma fonte de socialização e inserção de determinados indivíduos a grupos sociais, estes não relegados a um estereótipo do “mal bebedor” em relação ao “bom bebedor” que é aquele que segue as “regras” do botequim conforme diz Zanella (2011).

Segundo Zanella (2011, p. 14) o consumo de bebidas alcoólicas está submetido às relações sociais que produzem e traduzem profundos laços sociais conformados por formas de reciprocidade que, de modo nenhum, devem ser rompidos por sua prática. Ou seja, na medida em que a sociabilidade é a condição para o consumo alcoólico, ela também é seu limite.

Diante do que foi exposto o consumo de bebidas alcoólicas não se limitou a um grupo social restrito, quando antes era visto como uma espécie de fuga dos problemas e da miséria a qual as classes populares eram relegadas ou pela ostentação de um estilo de vida demonstrado pela classe burguesa. Visto que para Neves (2004, p.8) “O beber é um ato social

no contexto de valores, atitudes, normas, modos de classificação do tempo e concepção de realidade, muito frequentemente implícitos nos comportamentos referentes”.

Assim o consumo de bebidas alcoólicas passou a ser visto como um ato social que visa, primeiramente, uma maior socialização entre pares de um mesmo grupo ou pela interação entre grupos diversificados, tendo como perspectivas situações diversas de modos sociais de ingestão dessas bebidas alcoólicas, como por exemplo, a maneira de beber, sua frequência, suas características, quem bebe, o que bebe, com quem bebe, quando e onde bebe.

É nesse ato ou maneira de beber e o porquê do consumir bebidas alcoólicas que percebemos essa dimensão num contexto social mais amplo, daquele que é voltado à área patológica, que vê o consumo de bebidas alcoólicas como um mal a saúde, um vício e ate mesmo como uma doença, entretanto não estamos aqui negando essa outra dimensão, visto que a todo um trabalho científico-médico que envolve essa temática.

Porém é certo que cada sociedade se vê obrigada a formular padrões que institucionalizam o uso de bebidas alcoólicas, assim como qualquer outra droga, ilícita ou licita através da variação do modo de produção dos motivos e oportunidades que se constroem medidas de coesão para controlar seus indivíduos.

Neste sentido as indústrias de bebidas alcoólicas no geral, buscam imprimir em seus produtos não só uma fórmula diferenciada, mas também um estilo de vida, que faz com que aquele indivíduo que consome se sinta pertencente a um grupo seletivo, isto vêm acontecendo com o mercado das cervejas, ditas artesanais que buscam alcançar consumidores exclusivos, isso acontece por segundo Neves (2004, p.8)

Para que as bebidas sejam acessíveis, é fundamental que se conheça o manual de produção, e uso e de gestão. A transferência geracional destes saberes inclui o processo de aprendizagem sob dosagens repetidas, para permitir a confiante identificação dos efeitos reconhecidos pelo ampliado e ampliável catálogo de motivos.

Assim se busca na sociedade pós-industrial uma forma de controle social, pois o beber é feito em grupo, já que se deve distinguir e contextualizar os significados culturais e sociais que demarcam certas disposições, sendo estas relacionadas à patologia da alcoolização, embriaguez, alcoolismo, bebedor, bêbado, embriagado, alcoólatra, alcoólico,

alcoolista, alcoólico ativo, alcoólico passivo que não cabe neste trabalho discorrer sobre as mesmas, porém essas disposições referem-se segundo Neves (2004, p. 9) “Aos graus de tolerância e às atitudes de cada um destes diferentes estados. Em várias sociedades não é o álcool que é condenado, mas o comportamento desviante dos indivíduos”. Ela afirma ainda que “Em conseqüência, há uma corrente valorização do homem que sabe beber sem se alcoolizar e sem interferir no desempenho de papéis a ele atribuídos” (p. 9).

Sendo assim esse rito social de consumir bebidas alcoólicas, é considerado como algo positivo na internalização masculina, pois serve como lubrificante social, e é neste intuito que o bar é visto como um templo sagrado à socialização e a alcoolização controlada, pois é nesta ocasião que se estabelecem entre os homens um jogo de trocas e vínculos sociais pré-definidos. Por outro lado aquele indivíduo que bebe sozinho é visto com certa desconfiança e suspeitas, posto que existe uma desvalorização que passa pela evidência da rejeição ao desvio desse comportamento, que são estabelecidos na reciprocidade dos bares.

E em cada sociedade que se estabelece os contextos desse consumo de bebidas alcoólicas, a construção de significados, na hierarquização entre tais bebidas, bem como, o uso de determinadas bebidas durante as refeições e, sobretudo em relação às desqualificações do uso da aguardente em diversas ocasiões.

Para além dessas questões todas, é imprescindível olhar esse tema como um objeto de estudo, que explicita de um modo ou de outro algumas disposições mentais, que inculcam formas de representações culturais, nas quais, são atribuídos significados e significantes. É importante ressaltar que a questão a ser investigada se relaciona com a compreensão de como esses indivíduos das classes populares se relacionam com o consumo de bebidas alcoólicas e como forma de lazer, isto porque para Neves (2004, p.11) “Há uma referência consagrada à associação do uso do álcool às massas trabalhadoras, razão pela qual ou construção com base na qual são legitimadas as intervenções ou sua precarização”.

É nessa perspectiva que o estudo dessa dimensão, é associado ao caráter social mais amplo, visando à compreensão dos modos moralizantes de representação do alcoolismo, como argumenta Neves (2004) no que diz respeito ao campo de ideias e de valores referenciados por comportamentos socialmente aprovados. Assim sendo esses padrões são contemplados

pelos contextos que se entendem como aqueles atos de beber descritos socialmente aprovados e que de certa forma visam o controle social.

Isto nos leva a compreender esses padrões como sendo um processo de socialização do “bom bebedor” e conseqüentemente as regras e as normas que assim os define, assim para Neves (2004, p.13)

Os padrões do uso do álcool, suas funções e significados são consoantes ao contexto cultural em que o ato de beber ocorre, mesmo que outros fatores também devam ser considerados, porque produzem importantes resultados bioquímicos, fisiológicos e farmacológicos.

De acordo com Mariz (2004, p.22) é imprescindível perceber que o mais importante nos trabalhos científicos que tratam dessa temática é refletir entorno do hábito de beber em geral e, não somente no alcoolismo como uma patologia. Posto isso, Mariz (2004, p. 22) ainda ressalta que “não se pode entender o problema do alcoolismo sem querer ao menos entender esse hábito de beber socialmente, mais aceito pela sociedade e conseqüentemente sem entender como se dá toda uma cultura entorno desse consumo”.

É nessa perspectiva que se deve entender o consumo de bebidas alcoólicas, analisando também os grupos sociais, dos quais esses indivíduos fazem parte, por não se referir apenas à identidade do bebedor, mas sim, de um contexto social que de certa forma envolve o bar, a família, o trabalho e a comunidade.

Entendendo assim o consumo de bebidas alcoólicas em uma de suas muitas dimensões, chamamos a atenção para o beber recreativo, apesar de não ser tão fácil dada a tarefa de encaminhar essa temática por um único olhar, como o social, o cultural e o biológico, já que a sociedade em si influencia no modo do indivíduo beber e como este é visto diante de seus grupos ou pares sociais, visto que essas influências podem causar grandes problemas sociais em determinado momento da vida cotidiana e da integração social. “Cabe lembrar que geralmente o início do uso de bebidas se dá sem grandes problemas, e em alguns casos, com o passar do tempo, uma ingestão que começou como “recreativa” passa a trazer problemas, e pode tornar-se a doença do alcoolismo”. Neves (2004, p. 23)

Para isso é necessário que se possa considerar nos estudos dessa temática o nível educacional, social e cultural, bem como, as raízes dos indivíduos, se são urbanas ou rurais e outras disposições que podem influenciar nas decisões que esses mesmos indivíduos tomam e que podem implicar também em seus valores sociais e morais no caso do consumo de bebidas alcoólicas.

O consumo de bebidas alcoólicas como visto pelos autores/as acima é tratado como um ato social, mesmo que sua parte patológica possa nos levar para outras dimensões, muitas das vezes, carregadas de preconceitos que colocam o indivíduo em um limbo de negação que retira do mesmo a autoridade e o controle de suas escolhas, porém também é certo afirma que apesar de ser considerado pela sociologia e por outras ciências como um ato social, o consumo de bebidas alcoólicas e seus efeitos, é a mais tempo, vistos e estudados como uma patologia com uma gama de descobertas e análises de experiências que confirmam seus efeitos nos aspectos sociais, familiares, médicos e psicológicos.

Como um ato social, o consumo de bebidas alcoólicas compreende como que esses indivíduos utilizam desse meio de socialização para interagir entre grupos sociais no intuito de ampliar suas relações sociais e seu estilo de vida, pois implicam a aquisição de valores, atitudes, normas, modos de classificação e de comportamentos que distanciam o “bom bebedor” do “mal bebedor”, no qual, são vistos de diferentes formas pelos companheiros que compartilham esse rito social e que é considerado como algo positivo.

Assim, nas sociedades pós-industriais o consumo de bebidas alcoólicas é considerado uma forma de socialização entre familiares, amigos e comunidades numa situação de recreação que busca contemplar significativamente momentos de festividades e ócio. Geralmente são momentos que revelam substancialmente características herdadas de gerações passadas, através das transferências de saberes incluindo o processo de aprendizagem que permitem a identificação do limite, dosagens e efeitos que o consumo de bebidas alcoólicas pressupõe.

A teoria disposicionalista ou da Ação⁹

A sociedade pós-industrial ou tecnológica é constituída de indivíduos que são, por sua vez, constituídos de várias dimensões, cabe salientar aqui algumas delas, dimensão social, política, econômica e cultural. Nesta pesquisa nos atemos apenas a dois deles, sendo o cultural e o social, este último através da teoria disposicionalista ou da ação, que busca compreender as práticas e os comportamentos sociais desses indivíduos e seu passado incorporado.

Pensando neste indivíduo completo em suas ações Lahire (2004, p. 21) baseado em estudos de outros teóricos, afirma que essa ação social, voltada as práticas e aos comportamentos são construções de estruturas e formas que dependem da estrutura de suas relações com outros indivíduos, que se constituem através de círculos de ação e de interdependência.

Neste sentido Lahire (2004, p. 22) concebe um esquema que traz uma reflexão crítica ao contexto sobre o lugar destinado a essa teoria da ação que pode ser explicada da seguinte maneira – contexto + habitus = práticas, trazendo assim a teoria do habitus de Pierre Bourdieu.¹⁰ Entretanto para Lahire (2004, p. 22)

Uma disposição só se revela por meio da interpretação de múltiplos traços, mais ou menos coerentes ou contraditórios, da atividade do indivíduo estudado, sejam eles, produto da observação direta dos comportamentos, dos recursos ao arquivo, ao questionário ou à entrevista sociológica.

Ele afirma ainda que

Em todos os casos, embora seja suficientemente consciente para nos descrever o que faz o ator não tem consciência da determinação internas e externas que o levaram a agir como agiu, a pensar como pensou, a sentir como sentiu... Em suma, não podemos pressupor que o ator possua as chaves (disposicionais e contextuais) do que o faz agir. (Lahire, 2004 p. 22-23)

Os indivíduos são levados a agir e a pensar de diferentes formas, de acordo com as situações e o lugar na sociedade que são inseridos, é nesse contexto que a teoria

⁹ Ver mais no livro Retratos Sociológicos, Disposições e Variações indivíduos (2004)

¹⁰ Pierre Bourdieu (1930-2002) o sociólogo é responsável pela teoria do Capital Cultural que traz o conceito de Habitus, publicou os seguintes livros que foram traduzidos para o português: A dominação masculina (1999), O poder simbólico (1992) entre outras.

disposicionalista visa analisar uma série de comportamentos, opiniões de gostos que podem ser encontrados num determinado limite de atitudes.

Lahire (2004, p.25) então se fundamenta nos trabalhos de Bourdieu, para fazer uma maior explicitação sobre a teoria disposicionalista ou da ação, pois é em suas obras que se encontram, segundo o autor, as noções de interiorização das estruturas, sejam objetivas ou incorporadas advindas das estruturas sociais, de esquemas, de disposições ou de sistemas de disposições. Ele também utiliza outros conceitos como o da fórmula geradora ou do princípio gerador e unificador das práticas, de habitus, de transposicionalidade ou transferibilidade dos esquemas ou disposições.

É com esses argumentos que Lahire (2004, p. 26) aponta que as disposições podem estabelecer um grau de homogeneidade ou heterogeneidade que já vem impregnada pelos indivíduos, em função de seu histórico de vida e principalmente das suas experiências socializadoras.

Este contexto socializante que parte, a princípio da família (socialização primária) e depois das demais relações sociais externas, como escola, trabalho e comunidade (socialização secundária), constitui também na internalização das disposições que o indivíduo fará ao longo de sua trajetória de vida, isto acontece, porque para Lahire (2004, p.27), “uma disposição é uma realidade reconstruída quem como tal, nunca é observada diretamente.”

Essas disposições segundo Lahire (2004, p. 27) foi em algum momento da vida desses indivíduos, concretizadas em sua consciência, ou melhor, em sem ser que acabou por consolidá-las de alguma forma em maneiras de ver, sentir e agir que podem ser mais ou menos duradouras, tornando-se assim em características disposicionais, como propensões, inclinações, hábitos e tendências.

Porém Lahire (2004, p.27) chama a atenção para algumas limitações empíricas que constituem essas práticas e representações que se referem aos indivíduos e a teoria disposicionalista ou da ação. A primeira delas se refere a uma gênese da disposição, que se esforça para situar a socialização e o determinado momento que a mesma se deu, ou aquela

que precisa ser reconstruída em suas modalidades específicas, pois esta socialização se liga a sociologia da educação, no seu sentido mais amplo, ou seja, a uma sociologia da socialização.

A segunda limitação refere-se à suposição de que a noção de disposição pode observar inúmeros comportamentos, atitudes e práticas que sejam coerentes, pois ela fica limitada a pensar na possibilidade de redução de uma disposição a partir do registro e da observação de um único acontecimento isto se dá devido à ideia de disposição está atrelada a ideia de recorrência, de repetição retórica, de série ou de classes de acontecimentos e práticas.

Já a terceira ideia de limitação se refere à incorporação da disposição como um produto que se pode vir explícita ou implicitamente numa socialização passada, pois se constituem pela sua duração mediante sua repetição em experiências semelhantes, que estão ligadas as disposições discursivas, mentais, perceptivas, sensório-motoras e apreciativas, que podem ao longo do tempo ser reforçada através de uma superaprendizagem por solicitação contínua ou pelo seu contrário, pode se enfraquecer por falta de treinamento. Lahire (2004, p. 28) aponta então os estudos sobre religião de Weber¹¹, que ao invés de trazer um sentimento de posse religiosa que tende a apelar ao culto orgíaco e especialmente ao culto erótico, com apelo ao uso do álcool, fumo, drogas, músicas e sexo, ao contrário preferem um segundo tipo de religião, pautado na subalimentação, na abstinência sexual, na regulação da frequência respiratória e na concentração física sobre interesses religiosos.

A quarta limitação está relacionada à noção de disposição como uma operação cognitiva que evidenciaria a coerências de comportamentos, opiniões e práticas diversas. Neste contexto é preciso saber se a disposição é específica num determinado contexto particular, seja ele, especializado ou geral.

Na quinta limitação exposta por Lahire (2004) em relação à teoria disposicionalista, temos o conceito de que a disposição não se mostra como uma resposta pronta, simples e mecanizada através de um estímulo, mas como já foi dito como uma maneira de ver, sentir, pensar ou agir que se adequa com flexibilidade as diferentes situações encontradas, que podem ficar inativas, ou seja, adormecidas em estado de vigília, esperando serem acessadas ou esta sendo transformadas por sucessivos reajustes semelhantes. Para confirmar isso Lahire

¹¹ Ver mais sobre esse conceito no livro Sociologia da Religião de Marx Weber (1979)

(2004) traz agora Durkheim e suas considerações sobre o “despertar” das “faculdades entorpecidas”, podendo reanimá-las, colocando-as em primeiro plano.

Na sexta limitação encontramos o esforço do autor de distinguir os conceitos de “competências ou capacidades” dos de “disposições”, esta reservada para situações em que há tendências, inclinações e propensões ou ainda as disposições relativas às apetências, ou seja, a paixão, aos desgostos ou rejeições, como por exemplo, manias de limpeza, mau hábito, ou de indiferenças, como rotinas e automatismo.

Já a sétima limitação que Lahire (2004) aponta a respeito da teoria disposicionalista ou da ação, relaciona-se com o problema da natureza e da organização do patrimônio que cada indivíduo carrega em si das disposições, estas por sua vez, segundo o próprio autor deve ser estudadas a partir do trabalho empírico, não podendo ser resolvido sem antes de ter sido colocado em uso pelo “sistema de disposição”.

Estas limitações nos permitem ter um olhar diferenciado no que diz respeito às pesquisas empíricas, desta forma a teoria disposicionalista ou da ação do homem plural, compreende que todas essas questões geram um quadro de reflexões que se propõe a traçar novas abordagens de pesquisas, no entanto, nunca universalizando tais achados científicos.

As teorias da ação e do ator, comumente, opõem-se em redor de uma série de tensões interpretativas, a saber, tensões entre teorias que privilegiam a unicidade, a homogeneidade do ator (de sua identidade, de sua relação com o mundo, de seu “ego” de seu sistema de disposições...) (Lahire 2002, p. 10)

Essa teoria da ação busca designar o “homem nas formas da vida social” Lahire (2002, p.10) esta se apoiando em duas grandes dimensões que se referem à unicidade do ator e a fragmentação interna do mesmo. Na primeira dimensão temos uma visão de mundo e das relações com o mesmo, admitindo assim a “fórmula geradora de suas práticas”¹² já a segunda dimensão relaciona-se com a multiplicidade dos conhecimentos e do saber-fazer, das experiências vividas, dos “eus” ou dos “papéis.” Lahire (2002, p. 17)

¹² Para Lahire 2002, p. 17-18, segundo Bourdieu & Wacquant, 1992: 107aponta que o interesse principal da primeira posição está bem expresso por Pierre Bourdieu quando ele explica que sua teoria do Habitus, que permite construir e compreender de maneira unitária as dimensões da prática que frequentemente são estudadas em ordens dispersas.

Assim sendo Lahire (2002) admite que ao procurar a fórmula geradora das práticas dos indivíduos, este acaba por reconstruir um estilo, seja ele “cognitivo” ou de “vida”, para nós interessa o estilo de vida de determinados indivíduos e como eles criam situações diversas de socialização através de disposições dadas anteriormente ou construídas no momento que estão sendo utilizadas. Isto traz consigo um “eu em si mesmo” além da situação, mas um “si-mesmo” que flutua em cada nova situação segundo Lahire (2002, p. 22), ele ainda ressalta que

Existem muitas instituições permanentes como também numerosas ocasiões mais efêmeras de celebração da unidade do si-mesmo. A começar pelo “nome próprio”, que consagra a singularidade inteira da “pessoa”. Estas coordenadas pessoais e afetivas com as quais seus portadores identificam-se simbolicamente (ao contrário das identificações numeradas, mais precisas e singulares, mais se prestam, menos às projeções/identificações: número da carteira de identidade, do CPF, da carteira de trabalho...) ou nas quais se projetam – e que parecem evocar imediatamente, aos olhos daqueles que os conhecem, a totalidade de uma pessoa – são espantosas abstrações unificadoras com relação à diversidade da realidade social.

Ele afirma ainda que o indivíduo não seja formado apenas por essas dimensões, para além dessas abstrações unificadoras, e da unidade biológica do corpo, ou seja, ele “passa por estágios diferentes e é fatalmente portador de esquemas de ação ou hábitos heterogêneos e até contraditórios.” Lahire (2002, p. 22)

Apesar da importância dessa primeira dimensão ou tradição, como a chama o autor do livro *Homem Plural*, a unidade e a unicidade do indivíduo, a quem ele chama de ator, é em grande medida, bastante densa. Já a segunda dimensão ou tradição dá mais importância à fragmentação desse mesmo indivíduo, ele aponta que a multiplicidade dos sistemas de hábitos que são ou foram incorporados aos diversos domínios da existência, estão mais ou menos relacionados, antes de tudo, aos hábitos profissionais e, estes fazem a base da nossa existência social, familiar, cultural, religioso e político.

Isto nos leva a um indivíduo detentor de um sistema de disposições homogêneas e coerentes com condições sociais especificamente particulares, que podem vir reunidas ou não. Para Lahire (2002, p. 25) isso só é possível se “os indivíduos puderem ter disposições sociais gerais, coerentes e transponíveis de uma esfera de atividade a outra ou de uma prática a outra, se e somente se suas experiências sociais forem sempre governadas pelos mesmos princípios.”

Contudo esta unicidade homogênea dos sistemas de disposições exercidos pelos indivíduos, não são de um todo realizável, posto que neste contexto, além de se manifestar as maneiras de ser e agir desses indivíduos há também a participação e a colaboração da sociologia da educação, que ora coloca o grupo familiar em evidências, ora coloca o grupo escolar.

Isto leva a ressaltar a importância de ter uma coerência dos hábitos e/ou esquemas de ação, os indivíduos devem interiorizá-los de acordo com a coerência que haja ou houve nos princípios socializadores aos quais esteve disposto. Posto que ainda segundo Lahire (2002) se este mesmo indivíduo estiver aberto a uma diversidade de mundos sociais – estes não homogêneos, então o mesmo se mostrará com um vasto estoque de disposições ou hábitos não homogêneos e até mesmo contraditórios, que de acordo com o seu contexto social o fará evoluir, ou seja, “todo o corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está sujeito a princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios que incorpora.” (Lahire 2002, p. 31)

É isso que se compreende por um “homem plural” ele é neste contexto social, um produto das experiências variada, diferentes e, às vezes, contraditórias. Ele é o produto da socialização desses mundos sociais, múltiplos e heterogêneos, determinados pelo curso de sua trajetória de vida. Lahire (2002, p. 39) afirma então que todos esses indivíduos, “são, portanto plurais, diferentes nas diversas situações da vida comum, estranhos às outras partes de nós mesmos, quando estamos investidos em tal ou tal domínio da existência social.”

Lahire (2002) traz o conceito de “trânsfugas de classe”, ou seja, aquele que com certa quantidade de disposições socializadoras conseguem perpassar por dois mundos distintos, sendo este, o de origem – mais humilde e outro mundo – este podendo está localizado na escola, ou até em outra classe, está de um nível social maior, é o que podemos compreender como mudança de uma classe a outra, da qual fala Bourdieu em o Capital Cultural, no qual, um indivíduo pode se inserir num determinado grupo social, mais elevado em relação ao capital econômico do indivíduo em questão, e ser “aceito” como um membro, já que internalizou as disposições certas para tal contexto social.

Assim a teoria disposicionalista ou da ação, ao pensar o “homem plural” não pode apenas pretender discorrer de seu contexto social atual, mas sim, precisa se apegar a sua

construção como indivíduo detentor de um passado orgânico e histórico. Pois o passado incorporado busca resgatar situações de socialização e sistemas de disposições que não sendo homogêneas se mostram diversificadas e contraditórias quando se fala em relações sociais tanto passadas quanto presentes.

O indivíduo é o produto de suas múltiplas experiências passadas, das múltiplas aquisições – mais ou menos acabadas – feitas durante situações vividas anteriormente. Portanto, entre o indivíduo e as situações sociais há uma profunda convivência, uma espécie de comunhão natural, sendo o indivíduo o produto da incorporação de muitas situações. A ele põe-se a questão do modo de acumulação – reestruturação das experiências vividas e da atualização desse capital de experiências (incorporadas sob a forma de esquema) em função das situações entradas. (Lahire 2002, p.56-57)

É importante ressaltar que os comportamentos de um indivíduo são certamente determinados pelas experiências sociais que se apresenta dentro de sua complexidade interna, na qual, os estoques de esquemas de hábitos e disposições é neste momento heterogêneo, isso porque, o presente delimita e define aquele passado incorporado e atualiza-o no que diz respeito ao que foi visto, percebido e interpretado anteriormente.

Diante de tudo que foi exposto, a teoria disposicionalista ou da ação, que busca resgatar as estruturas socializadoras que constitui o indivíduo nos permite compreender suas maneiras de pensar, sentir e agir em determinadas situações que podem ser estabelecidas anteriormente ou não. A socialização abrange os mundos sociais do indivíduo e refletem a unicidade e fragmentação do “homem nas formas de vida social”, no qual, trazem consigo seu passado incorporado visando à construção de um “Homem Plural” que ao incorporar suas disposições se transforma em um produto diante de seu contexto social.

Capítulo II

Stella Corona

Stella tem 37 anos, solteira. Formada em Psicologia, é mãe solo de um menino de 7 anos, condição que vem crescendo atualmente na sociedade pós-industrial do século XXI. A pouco mais de um mês, perdeu seu companheiro por complicações patológicas envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas por uso abusivo. Stella sempre morou com seus pais, visto que é filha única, de uma família relativamente pequena para os padrões brasileiros.

Sua mãe estudou até a faculdade, e exerce a profissão até hoje, como professora particular. Quando criança, a mãe tinha uma loja de roupas, seu pai fez até o segundo grau completo e o curso técnico, trabalhou sempre como torneiro mecânico em empresa privada, aposentado atualmente. Stella é natural de São Bernardo do Campo/SP, segundo ela, a profissão do pai e o emprego que ele tinha nessa época possibilitavam uma vida boa, sem apertos, muito tranqüila, para ela o lugar, onde morava em São Paulo era um bom condomínio, vindo para Pernambuco com quatro anos de idade.

Ela recorda que o emprego do pai apesar de possibilitar uma boa vida, demandava muito tempo do mesmo, pois ele era o chefe da manutenção, ou seja, qualquer problema que dava nas máquinas ele era chamando, visto que na época não havia as facilidades da tecnologia que hoje se tem nesses setores. Isso deixava o pai de Stella, por muito tempo fora de casa, mas que não atrapalhou o acompanhamento de seu crescimento por parte do mesmo.

As duas entrevistas aconteceram na casa da entrevistada, mais precisamente na cozinha de sua casa, disposta em um cômodo relativamente pequeno, mas bem organizado. A cozinha é bem modesta, tem um fogão, uma mesa redonda com quatro cadeiras, uma estante, duas geladeiras e um balcão para a pia, composta por azulejo.

Stella não aparenta ter os seus 37 anos. De pele negra, é uma mulher de porte elegante, demonstra ser bem resolvida com questões de beleza e, principalmente na afirmação de sua identidade, ficou bem a vontade em relação à primeira entrevista, mesmo o tema sendo o consumo de bebidas alcoólicas, posto que fazia exatamente um mês do falecimento de seu

companheiro, e na segunda entrevista ter recebido o aviso de demissão do seu atual emprego, se demonstrando sempre solícita, respondendo abertamente tudo que lhe foi perguntado.

A infância

Sua infância foi tranqüila, por ser filha única e pelo emprego do pai que possibilitava financeiramente essa tranqüilidade, e apesar do tempo demandado com o emprego, Stella relata que sempre tiveram finais de semanas com o pai pra sair. Ela sempre estudou em escola particular, acordava pela manhã, o pai levava para a escola quando saía para o trabalho, para voltar tinha acesso à condução particular e depois, já maior, vinha de ônibus ou a pé, pois a escola era relativamente perto de sua casa.

Nessa época, os pais tinham mais preocupação com as despesas em relação com a educação, plano de saúde, que era em regime de co-partição, em que a empresa pagava uma parte e o funcionário o restante. Por um bom período a família de Stella contou com uma pessoa que ajudava nas tarefas domésticas, que deixou a demanda bem menos pesada para a mãe. Essa pessoa trabalhava de segunda a sexta o dia todo e no sábado, meio período.

Segundo Stella, por serem apenas três pessoas em casa, o ambiente era muito tranqüilo, mesmo com relação às discussões normais da vida a dois. Nessa época de infância, ela morava num prédio tipo caixão, com 16 apartamentos, mais ou menos 2 a 3 crianças por apartamento, no máximo 2 a 3 apartamentos que tinha só um filho. O prédio era grande e se localizava em uma esquina, que além de agregar as crianças do prédio ainda recebia as crianças da vizinhança, pois a rua era sem asfalto e passavam poucos carros, tornando-se apropriada e tranqüila para as brincadeiras infantis.

Todas as crianças brincavam juntas, pulava muro de vizinhos, as brincadeiras eram mais na parte da tarde, já que a maioria das crianças do prédio estudava nessa época no turno da manhã, todas as crianças tinham uma rotina de segunda à quinta, então a saída para brincar se dava a partir das sextas feiras a tarde, Stella era a última a sair por gostar de dormir à tarde depois de terminar a tarefa de casa e por morar no térreo. No período das férias no prédio tinha uma pessoa que ficava responsável por fazer inúmeras atividades e oficinas com as crianças, como por exemplo, como fazer salgadinho de queijo, curso de pintura entre outras atividades para deixar as crianças um pouco mais calmas.

Stella tinha ajuda na realização das tarefas escolares, pois a mesma reconhece que não gostava muito de estudar a princípio a mãe como professora dava aulas de reforço para a menina, logo depois, com o avançar das séries e dos conteúdos a mãe buscou ajuda de outros professores, como filha única Stella teve outras atividades, como alguns esportes como balé, jazz, ginástica de solo, ginástica rítmica, vôlei e dança de salão.

Como nessa época ela não compreendia algumas relações entre os estudados e a profissão da mãe, não se sentia pressionada em relação a ter que estudar mais que os outros colegas por ser filha de uma professora e não se dá muito bem nas matérias, precisando de aulas de reforço com professores particulares de matemática e física.

Quando criança, Stella era levada, arqueira com as coisas de casa, assim sendo quando a mesma fazia alguma coisa de errado, ela costumava ficar de castigo, segundo ela, nunca apanhou dos pais por causa de nenhuma travessura, mais ficou muito de castigo, chegando a perder inúmeros momentos de brincadeiras, pois como morava no térreo, a janela dela era o ponto de encontro das outras crianças, o principal motivo para os castigos eram as notas baixas, ela reprovou a 5ª e a 6ª série, Stella sempre passou se arrastando.

[mais hoje, tu vê que foi por causa assim do teu esforço com o estudo ou por que tu tinha alguma dificuldade?] “hoje eu acredito que eu tinha alguma dificuldade, mas na época a gente achava que era esforço mesmo que faltava, que não estudava mais isso. Mais eu acho que eu tive alguma questão de não conseguir me concentrar, de não conseguir... inclusive tinha até tarefa de arte mesmo que eu não queria fazer, não queria fazer, não me sentia estimulada para tal.”

Ela ressalta que sua infância foi muito tranqüila, não sentiu falta de possíveis irmãos, pois os amigos do condomínio onde morava conseguiram suprir essa necessidade, bem como a amizade que construiu ao longo dos anos com a afilhada de sua mãe, laços afetivos que fizeram com que elas se tornassem comadres, quando Stella foi convidada pela prima a ser madrinha de seu filho. Como filha única, Stella tinha suas festas de aniversários e era levada pelos pais para todos os lugares e, principalmente para festas, como carnaval em casas de amigos assim Stella teve uma socialização ampliada ao se tornar amiga dos filhos dos amigos de seus pais, nessas ocasiões os pais de Stella consumiam bebida alcoólicas.

A família

Stella nunca sentiu falta dos irmãos que ela não teve, muito pelos amigos que conquistou na infância, na adolescência e pela união entre os três, o pai, a mãe e ela, por outro lado comenta que sua família ampliada de avós e tios, e apesar de ter convivido tanto com os avós paternos quanto maternos, a família era pouco unida e que por isso nunca teve grandes almoços de domingo. Ela destaca que faltava uma afinidade entre eles e a família ampliada, tanto que a apenas três anos, Stella começou a reunir os familiares em torno de uma tia que já tem 76 anos, viúva e que não tem mais ninguém da parte da família, contando apenas com uma filha.

A família materna de Stella era constituída por seis irmãos mais sua mãe, ao todo seus avós maternos tiveram sete filhos, sendo cinco homens, dos quais dois já são falecidos e duas mulheres. Já a família paterna, era constituída por três irmãos mais seu pai, ao todo seus avós paternos tiveram quatro filhos, três mulheres, sendo uma já falecida e um homem. Na família de sua mãe, ela tem apenas um primo que convive e dois que nunca viu e se encontrá-los na rua não os reconheceriam, já por parte do pai também tem uma prima acabando assim a linhagem de parentesco.

Seu pai é muito tranquilo, ele brinca muito, convive com muitas pessoas e conversar com todo mundo, gosta de sair nos finais de semana para tomar a cervejinha dele e conversar com o pessoal (amigos) dele e volta pra casa, Stella herda essas disposições de socialização do pai, gosta de fazer programas assim iguais os dele, de dar uma voltinha, conversar com as pessoas, pois não gosta do isolamento, de ficar sozinha, já que ela passou muito tempo assim, apesar de ter muitos amigos, nos levando a refletir sobre as disposições construídas pela falta de irmãos, irmãs e primos no convívio familiar quando criança, apesar de mais na frente da entrevista Stella voltar a falar de sua prima que era sua companheira de viagens em família no período de férias, justamente por essa prima também ser filha única, as duas meio que se identificavam como irmãs, como já foi citado.

Já sua mãe é mais agitada e prática nas resoluções de problemas e situações, mas também é muito boa na cozinha, e isso aproxima as duas. Ela aprendeu desde muito cedo a cozinhar determinadas coisas, por gostar e ser muito curiosa, como arroz, bolo com sua mãe, que aprendeu com sua avó materna, que também cozinhava muito bem, mas não chegou a

presenciar esses momentos da avó, pois a mesma sofreu um AVC – Acidente Vascular Cerebral deixando-a com um lado do corpo paralisado impossibilitando a mesma de fazer determinadas atividades, sendo uma delas, a de cozinhar.

Stella lembra com carinho de um tio que morava com sua avó materna e todas as vezes que ela estava lá e ia passar a noite, ele deixava de sair às noites para tomar conta dela, e assim fazia uma papa de coco que até hoje ela guarda como memória afetiva, pois ele sempre cozinhava para ela e ficava com ela nesses momentos, esse tio já é falecido e ela demonstra ter muitas saudades desses momentos. *[a mãe de Stella nesta hora estava na área de serviço e ao ouvi-la falar desses momentos de infância com os avôs, pediu a ela que a mesma falasse desse tio em particular, pois ela gostava muito de ouvir a filha falar do irmão e daquela história da papa de coco].*

Stella sempre deixa claro que por ter sido filha única sente falta de uma socialização maior com a família ampliada, e atribui isso aos conflitos e magoas que tanto o pai quanto a mãe cultivaram ao longo dos anos em relação a suas respectivas famílias, problemas que poderiam ser resolvidos conversando, mas que afastam ainda mais eles. Ela ressalta que problemas todas as famílias têm, e gostaria de reunir mais as famílias nos momentos bons da vida, em almoços e churrascos e não somente quando alguém está com problemas, estes advindos dos anos e da velhice de cada um, pois isto configura um processo natural de todo ser humano.

Por sua mãe demonstrar certo afastamento dos laços afetivos com a família ampliada, ela como filha demonstra querer resgatar esses vínculos e, leva isso pra sua vida procurando sempre estreitar os laços afetivos com todos os amigos e parentes, mesmo voltando a falar da questão de que é filha única, Stella buscou agregar sempre pessoas em sua vida, e ter as pessoas sempre mais próximas dela.

Isso fez com que ela considerasse seus amigos como irmãos que ela pode escolher, e aí ela retorna a falar da prima, que na verdade é a afilhada de sua mãe, e ressalta a amizade das duas como sendo muito estreita e de irmãs, *[“como eu não sei como é uma relação de irmão, pra mim é uma relação de irmão, eu escolhi pra ser uma relação de irmão, tanto é que eu sou”].*

A Mãe Solo e a Companheira

Stella, tem um filho de 7 anos, ele se parece muito com ela no que diz respeito as birras que faz, por ser filho único assim como a mãe, ele acha que tudo pode vir para ele muito fácil e com ela não é assim. Ele não tem contato com o pai nem com sua família, o pai dele só fez registrá-lo e não o conhece, não participando assim de sua formação, ela conta apenas com o apoio de seus pais, Stella não segue a linha da alienação parental quando o filho pergunta pelo pai e porque o mesmo não aparece, ela dá algumas desculpas dizendo, por exemplo, que o indivíduo está trabalhando longe e no momento está sem tempo para ir vê-lo.

Ela não diz abertamente que o pai não quer conhecê-lo e, de certa forma ela vem conseguindo amenizar sua ausência, pois o filho ainda não demonstra ter consciência de que ele não foi uma “escolha” de seu pai, ou seja, ela consegue fazer com que ele não sinta a rejeição de seu progenitor.

Um detalhe interessante que Stella destaca é que em suas travessuras quando criança, nunca se machucou gravemente, como quebrar um braço ou uma perna, isto aconteceu já depois de grande, ao contrário do seu filho que já levou três pontos na cabeça e engessou uma das pernas antes dos cinco anos de idade. [Stella sorriu muito ao relatar isso].

Stella tinha um relacionamento estável de três anos e meio com um homem treze anos mais velho, seu companheiro faleceu recentemente devido a um câncer no pâncreas em virtude do uso abusivo de bebidas alcoólicas combinada com a negligência própria dos homens que não buscam o médico com a devida frequência e a automedicação, uma situação muito difícil e complicado segundo ela. Mas seu relacionamento era muito tranquilo, tava indo tudo muito bem. [*Mais ele sentia ou tinha algum sintoma?*] “Vários, vários, de dores, de gases, ele sentia muitas dores atrás das costas, dizia que o problema era o colchão, que era coluna, e sempre recorria a pesquisas do Google, colocando os sintomas e tomando os remédios e chás que eram indicados por tais pesquisas”.

Assim ela relata que o mesmo procurou o médico há dois anos, quando fez um plano de saúde, nessa época a médica detectou um nódulo na próstata, mas falou que era normal

devido sua idade e que tomando os remédios o nódulo dissolveria normalmente sem nenhum problema, já que nesse mesmo período os exames de sangue deram normais.

Logo eles ficaram tranqüilos e continuaram vivendo a vida, até que surgiu em seu couro cabeludo um segundo nódulo, como ele era uma pessoa de pele branca, num primeiro momento Stella comentou com ele que poderia ser um melanoma devido o mesmo andar muito no sol sem proteção, pois ele já tinha cabelos grisalhos, porém ao se internar para fazer os exames e a biopsia, o diagnóstico foi mais grave, o câncer no pâncreas já havia atingido o fígado e se transformado em metástase.

Stella afirma ainda que seu companheiro e seu filho tinham uma relação muito boa e tranqüila, faziam passeios para parques e sempre os dois se deram muito bem. Às vezes ele tirava um dia inteiro só para brincar com o menino, para levá-lo a praia sempre sendo muito companheiro um do outro. Ela reconhece que foi feliz nesses três anos e meio que ficaram juntos.

A Vida Escolar

Stella reconhece que nunca foi uma boa aluna, ela relata que passava sempre no limite das reprovações, coisa que aconteceu na 5ª e 6ª série. Segundo ela nessa época, ela não se sentia pressionada pela mãe que é professora a ser a “melhor aluna” e conseqüentemente tirar notas altas, ela fala que assim, olhando hoje em dia, formada como psicóloga que possivelmente ela tinha algum problema de concentração na época do Ensino Fundamental, visto que não conseguia se concentrar nem para as aulas de arte, ela não via estímulo da parte dos professores nem interesse da parte dela.

Ela fala que o seu primeiro colégio era católico, por isso era muito rígido e ela acha que não conseguiu se adaptar a essa rigidez, fazendo com que talvez se sentisse bloqueada para aprender em determinadas disciplinas. Como foi dito ela reprova a 6ª série e muda de colégio, indo para um mais tranqüilo em relação à rigidez, se sentindo mais livre para aprender se torna uma das melhores alunas da sala, mas ainda assim precisando ir para a final no fim do ano letivo.

Nesse segundo colégio, ela teve dificuldades em matérias voltadas para o que hoje chamamos de empreendedorismo, ou seja, matérias que ela nunca tinha visto antes, como por exemplo, técnicas comerciais e um currículo diferenciado, que abrangia outras matérias além das tradicionais. No fundamental II e no Ensino Médio não era reprovada, mas costumava ficar na final até o 2º ano do Ensino Médio conseguiu se adaptar melhor nesse colégio, já no 3º ano, que foi no ano 2000, foi o mais difícil, porque no final do ano tinha a questão do vestibular e apesar da família ser muito tranqüila em relação a isso em dezembro ela perde uma amiga, ela teve um aneurisma na veia aorta e acabou falecendo.

Esse ano foi particularmente difícil para Stella, ela já vinha passando por problemas relacionados à saúde de um de seus familiares, seu pai tinha acabado de ser internado um dia antes da morte de sua amiga. Então foi muito difícil para ela terminar o ano, precisou do conselho escolar para passar, pois na questão da disciplina de comportamento ela era uma boa aluna. Stella sempre teve uma boa socialização com todos da escola, não fazia parte da turma da bagunça, mas transitava por todos os grupos no intervalo das aulas. Ela conserva amigos da época desse colégio, tanto que a madrinha de seu filho é amiga dela desse colégio.

Stella lembra que tem duas professoras que marcaram muito essa época da escola, a primeira foi à professora da 1ª série, que ela tem contato até os dias de hoje, quando se encontra conversam sobre as coisas, o que cada uma está fazendo. E outra professora do novo colégio, do fundamental II, professora de português que também foi muito importante para ela, que marcou profundamente sua vida, e é lembrada como uma professora maravilhosa.

Ela comenta ainda que houveram outros professores que deixaram suas marcas, mas não tão fortes quanto essas duas professoras, Stella foi bem ativa nessa época da escola, fazendo várias atividades, como balé, jazz, ginástica de solo, ginástica rítmica, dança de salão, vôlei, [*nunca pensou em seguir uma carreira dessas?*] “A questão da dança sempre foi muito presente, mas não para competição, pra profissão essas coisas assim não, mas sempre foi muito presente, tanto que hoje... Pronto recentemente eu tinha feito dança afro, que ainda tinha... minha professora disse menina sai do balé, num estica essas pontas dos pés não, que na dança afro tem isso não, é pé e pé no chão, mas eu não sei, passei metade da minha vida botando meia ponta” (risos) [*pra sambar hoje, samba de ponta de pé feito bailarina?*] “Ponta de pé é... não consigo botar os dois pés no chão pra sambar não, é pontinha de pé até hoje” (mais risos).

Stella não se considerava inteligente na época da escola, mas quando mudou da escola de cunho católico que para ela era mais rígida, também mudou a sua perspectiva em relação aos estudos, como não era tão rígidos ela se sentiu um pouco mais tranqüila em relação aos estudos. Ela passava na maioria das matérias por média e chegou a diminuir consideravelmente as vezes que ia para a prova final. Já suas professoras a achavam muito inteligente e sempre diziam a ela que só faltava um pouco mais de concentração assim como sua mãe. Ela ressalta que acha que era isso que lhe faltava, pois não havia psicólogos para orientação, as crianças deveriam ir para a escola, aprender igual aos colegas e pronto sem que os professores olhassem para os alunos como sujeitos particulares.

Hoje em dia, Stella vê que a escola tem outro olhar para com as dificuldades que os alunos apresentem, tem uma interação maior com psicólogos, às vezes tem assistente social, tem o professor que vem com uma didática e uma metodologia diferenciada, o conselho de classe tem outra proposta, outra visão com relação à individualidade de cada aluno, coisa que não tinha no tempo dela. Na primeira escola Stella preferia mais à hora do recreio, quando todos se reuniam para conversar, brincar e ficar todo mundo junto, já na segunda escola ela gostava mais das aulas de português e, de socializar na hora do intervalo isso nos leva a crer que Stella herdou essa disposição de seu pai.

Ela lembra que seu vizinho de cima era o diretor da segunda escola para qual ela foi na 6ª série, Stella mora num prédio pequeno de apenas um andar, ela mora no térreo e ele no andar de cima, e brinca dizendo que ele é seu eterno vizinho, já que além de ter sido diretor da escola, ele foi vizinho dela em outro prédio num outro bairro. Ela conta que ele sempre foi muito simpático e amigo dos alunos. Ele puxava a orelha dos alunos, os mandando irem para a sala, então ela sentia-se muito acolhida pelos professores e pelo diretor em especial.

[É nessa época a visão de diretor, professor era outra, é diferente da de hoje, nenhum professor, diretor pode fazer isso hoje?] “Exatamente. Mas é... era uma brincadeira que deixava todo mundo junto, é tanto que hoje a gente ainda passa na frente do colégio, vai eu e uma amiga minha, que também era da época de escola mas também de infância do prédio que a gente morava, passa lá na frente pra comer um churro que vendia ali na frente, passava e ficava conversando com ele, todo mundo do colégio passa lá pra conversar com ele, que

apesar dele brincar, de botar a gente dentro da sala, de... mais a gente sempre teve uma relação muito boa.” [*de respeito NE?*] “Exatamente! Uma relação muito boa.”

Stella lembra também que não gostava das aulas de educação física na segunda escola, pois era diferente da educação física que ela fazia na primeira escola onde estudou até a 6ª série. Na primeira escola, eles tinham um incentivo maior para a prática de esportes, como por exemplo, futebol, handebol, vôlei, basquete entre outros como poderiam ir para uma sala assistir um vídeo, já na segunda escola não tinha essa prática, só faziam brincar e correr, no intuito de gastar apenas energias só pra dizer que havia educação física no currículo, na prática ela não existia na unidade que Stella estudava, visto que a escola particular é dona de uma rede de várias unidades espalhadas pela Região Metropolitana do Recife.

Além de que eles tinham que fazer a educação física aos sábados pela manhã, porém a quadra da escola não tinha estrutura de cobertura, então para eles se tornava um tormento, pois precisava acordar cedo num sábado para ir à escola, e ficar embaixo do sol (risos), não havia por parte de Stella e seus colegas interesses por essas atividades, mas por outro lado, essa matéria reprovava, então eles se viam obrigados a participarem.

Para ela a principal mudança nesse período escolar, foi justamente a transição de uma escola para outra. Quando ela mudou de escola tudo mudou para ela, mas não houve muitas mudanças no grupo escolar e nem com os professores, inclusive a professora de português que marcou muito Stella acompanhou ela da 6ª série do Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio. A mãe e o pai dela não viram com bons olhos suas duas reprovações, porém nunca a maltrataram por isso, ela afirma várias vezes que eles sempre deram apoio, e que sua mãe por ser professora achava mesmo que o problema da filha era apenas falta de concentração, como já foi mostrado anteriormente.

Então Stella nunca apanhou dos pais, eles preferiam colocá-la de castigo sem ganhar recompensas, como por exemplo, sair para brincar com os amigos, festas, passeios ou presentes. Isto porque como também já ficou claro Stella é oriunda de uma família de classe média baixa, mas que seus pais tinham condições financeiras, pois os dois trabalhavam na época para lhe manter em colégios particulares muito bons, conseqüentemente o maior questionamento deles era pelo fato de acharem que ela desperdiçou as mensalidades paga de todo um ano letivo.

Ela afirma que sempre teve de tudo, atividades extraescolares, esportes, viagens de férias, passeios entre outros, e o que seus pais apenas cobravam dela era as obrigações com os estudos, e para Stella o que mais lhe complicava a vida era a área das exatas, ou seja, matemática, geometria e suas derivações. Porém ela ressalta que a partir da mudança de escola, essa dificuldade foi sendo resolvida, com a modificação da didática e da metodologia dos professores do segundo colégio, Stella começou a sentir facilidade com essas matérias, continuando também sendo muito boa em português.

Ela se lembra do que o professor de geometria da primeira escola dizia para a turma, quando da aplicação da prova, “cada um por si e Deus por nenhum, porque se Deus for por todos haverá grandes injustiças”, ou seja, ela toma isso como um conselho de que se você não tivesse estudado, não adiantaria muita coisa rezar não.

Então ela sentiu nisso muita pressão, o aluno estava ali jogado sozinho com obrigação de ter aprendido a determinada matéria, já no segundo colégio o aprendizado era mais coletivo, os professores estavam mais atentos e próximos dos alunos, ela se sentia acolhida, a relação entre alunos e professores era diferente e isso trazia segurança para ela na hora de aprender.

Stella chegou a fazer a prova para uma escola técnica, quando tinha 15 anos mais não passou para a área de mecatrônica. Ao contrário de toda sua vida escolar com problemas na área de exata, nessa prova específica ela teve uma nota boa em matemática, mas não em português, fazendo assim com que ela não conseguisse a média para passar nesse curso técnico.

Quando ela despertou para um curso superior, foi devido ao misto de muitas coisas que aconteceram em sua vida, optando assim pela psicologia. Ela chegou a fazer o teste vocacional na escola e gostou muito da forma que a pessoa que aplicou o teste, conversa e aborda diversos temas com ela e os amigos, logo em seguida ela teve alguns problemas em família que reforçaram esse despertar para essa profissão. Mas mesmo com essa certeza, Stella segue outros caminhos que perpassa por outras áreas como nutrição e educação física, até chegar à psicologia.

Stella tenta por duas vezes o vestibular para educação física na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE mais não consegue passar, então ela muda para nutrição, mas pensa também ser difícil devido à forma de ingresso na universidade pública na época ser feita através de vestibular com duas fases,¹³ sendo considerado por muitos e, principalmente, por ela muito difícil passar nessas provas e não existia o número diversificado de faculdades particulares nessa época com o curso de psicologia que ela queria e cita três delas, a Faculdade de Ensino Superior de Olinda – FUNESO que tinha os cursos na área de humanas, a Faculdade de Olinda – FOCCA que era na área de ciências contábeis, pedagogia ou letras e a Faculdades Integradas Barros Melo – AESO que sempre teve direito, mas nenhuma delas chamava a atenção de Stella e as mensalidades eram muito caras na época, hoje em dia ainda são bastante elevados os custos com a educação superior particular, principalmente depois do “boom” das faculdades particulares.

Trabalho e Vida Econômica

Stella tem seu primeiro emprego antes da faculdade, depois que sai do Ensino Médio com 16 – 17 anos, ela vai trabalhar num setor ligado ao cadastro do Programa do Governo “Bolsa Família” pelo IPAD que durou três meses. Seu trabalho era cadastrar as famílias de baixa renda, como se fosse um censo daquela população, então ela ia às escolas e comunidades, hoje esse programa chama-se Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, ou simplesmente CAD-ÚNICO, ou Cadastro Único.

[*E como tu conseguiu esse emprego?*] “Assim, através da minha tia, minha tia trabalhava na Secretaria de Educação. E a Secretaria de Educação que foi responsável por fazer esse levantamento, só que era uma empresa privada que trabalhava... que foi fazer esse serviço porque tinha que usar o computador e naquela época num tinha essas coisas todas na Secretaria de Educação né, a gente usava palmtop na época e tinha um... um processo... num era internet, mas ele salvava no sistema, já salvava no sistema que naquele tempo não tinha wireless e não tinha essas coisas de internet, mas era um palmtop pouco maior do que esse (aponta o celular que está em cima da mesa gravando a entrevista) e a gente ganhava por

¹³Criado em 1911 através da Lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental, visando classificar os estudantes com maior nível de conhecimento para as vagas nas universidades. Depois de 2009 esse vestibular tradicional de duas fases, fora substituído pelo Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e a entrada nas universidades contam com vários programas mais acessíveis, como o PROUNI, FIES, SISU. Ver mais em <https://www.mec.gov.br/>

produção.” [*quanto mais vocês...*] “Isso! Agora assim o cadastro tinha que tá todo certinho, aí a gente ganhava por produção, e como eu já era habituada com o computador aí então pra mim era mais tranquilo, agora era aquele pauzinho (se referindo a canetinha que vinha no palmtop) pra você... (faz o som da canetinha tocando na tela do palmtop), mas foi bom, foi uns três meses, uns três meses que a gente passou.”

Nestes 37 anos Stella teve pouco mais de cinco empregos, trabalhou pela Secretaria de Educação do município onde reside em colégios e bibliotecas, já trabalhou em empresas privadas de Call Center, para o Governo do Estado através de duas empresas terceirizadas diferentes e trabalhou também para um Partido Político na cidade de Olinda, o Partido Comunista do Brasil – PCdoB, por mais de um ano.

Da primeira entrevista para a segunda, correu pouco mais de um mês. No primeiro contato Stella, ela estava entrando de férias, logo que voltou para trabalhar, foi comunicada do seu desligamento no emprego que estava. Neste último emprego Stella trabalhava com a empregabilidade da pessoa com deficiência física – PcD na Superintendência Estadual de Apoio a Pessoa com Deficiência – SEAD, ela fazia o link direto entre a empresa e os empregados, que de acordo com a Lei 13.146/2015 garante que a partir de 100 empregados contratados pelo menos uma vaga tem que ser reservada para pessoas com deficiência física.

Assim sendo Stella contactava as empresas para que fosse garantida a Lei, mais segundo ela nem todo mundo tem essa compreensão, nem toda empresa tem essa compreensão, as empresas tinham apenas a compreensão que elas precisavam cumprir a lei, e não fazer a inclusão da pessoa com deficiência física – PcD no mercado de trabalho, nesse trabalho Stella tinha um roteiro e fazia visitas nas empresas que se sentiam bem e que abriam as portas para esse público em específico, então ela e a equipe visitava empresas de ônibus, de logística, hospitais e todas as empresas que podiam fazer visitas eles iam, mas o sentimento de Stella ao final das visitas era de que as empresas apenas queriam cumprir a lei, sem pensar na inclusão e acessibilidade concreta da pessoa com deficiência física.

Stella relata que havia por isso grandes dificuldades, pois como as empresas só queriam cumprir a lei e não incluí-las, o trabalho se tornava difícil por conta das vagas que apareciam, pois eles precisavam de vagas amplas que pudessem servir para qualquer tipo de deficiência e não somente as deficiências leves como queriam as empresas. Tornando assim o

dia de trabalho exaustivo, visto que o objetivo do trabalho que era de integrar as pessoas com deficiência física através da acessibilidade fica bastante difícil.

Ela tinha uma relação tranqüila com seus colegas e seu superior, porque a Superintendência era um ambiente grande com poucas pessoas, todo mundo tinha que passar por todos os ambientes. A Superintendência contava com uma central de libras, uma de livre acesso, tinha o pessoal da empregabilidade (setor onde Stella trabalhava) e o PE Conduz, Stella só não trabalhou neste último, mas quando havia atividades desse setor eles tinham que participar, como por exemplo, nos camarotes de acessibilidade no período de Carnaval, São João e demais eventos pela Região Metropolitana do Recife.

O ambiente de trabalho de Stella era bem tranqüilo, seus colegas de trabalho se davam bem, mas ela aponta que vez ou outra tinha uma rivalidade, discordância de pensamento e opiniões por conta de alguns egos pessoais mais que não influenciavam no cotidiano profissional, [*nesse setor era mais mulher mais homens?*] “Misto! Lá a gente tinha um cadeirante, um auditivo e tinha uma pessoa com paralisia mais que não chegava a ser cadeirante, ele tinha problemas de locomoção.”

Stella ainda sonha com um emprego melhor, para ela neste momento esse emprego dos sonhos está relacionando ao funcionalismo público concursado (risos), mais ela não quer ficar num escritório atrás de uma mesa cheia de papéis, ela quer ir pra campo, ter contato com as pessoas, conhecer histórias de vidas, ela menciona um desses concursos públicos no Instituto Nacional do Seguro Social – INSS na equipe de campo que faz visita, para ela as pessoas estão sempre em processo de mudança e precisa sempre batalhar para ter uma estabilidade financeira, pois tem um pequeno e vai envelhecer não pode ficar esperando as coisas cair do céu. Ela não dispõe de reservas financeiras no momento, seus proventos eram mensais e 70% desse valor é voltado para seu filho com educação, alimentação, cursos extracurriculares, roupas entre outros, ela tinha ajuda de seu companheiro e agora que está desempregada vai começar a receber o seguro desemprego.

Os seus gastos financeiros é com seu filho, como foi dito, ela tem ajuda dos pais mais tudo referente ao filho é ela quem arcar, já que ela deixou claro que o progenitor do mesmo, não procura ter contato com o menino, ela não tem costume de fazer planilhas nem listas como forma de controlar seus gastos e do seu filho.

Lazer, Consumo e Vida Comunitária

Stella se orgulha da rede de amigos que adquiriu ao longo dos anos, boa parte deles vem da época do prédio que morava e da escola, uns mais próximos e outros de sair pra se divertir. Ela também tem amigos que são frutos das amizades de seus pais, assim como ela tem amigos que já a ajudaram em momentos importantes de sua vida e até hoje eles fazem parte dela.

Ultimamente Stella vem freqüentando um Shopping recém inaugurado em Olinda, o Patteo Olinda Shopping com uma amiga e seus respectivos filhos mesmo não sendo para fazer grandes lanches, por serem caros, mas, mais para aproveitarem a praça de alimentação para os filhos brincarem. Ela ainda tem outra amiga, essa de infância, que ela intitula de amiga de gordices, pois elas saem juntas para comerem alguma coisa e tem mais uma que sempre procuram está junta nos finais de semanas, Stella conta que geralmente passa os finais de semana na casa dessa amiga, pois elas são comadres e os filhos têm a mesma idade, assim como as outras três crianças que moram no mesmo prédio e todos brincam juntos, dando assim uma folga para Stella.

Ela costuma fazer de tudo um pouco com os amigos, tem amigos que freqüentam a igreja junto com ela, apesar dela não ser batizada nessa igreja, ela freqüenta sem problemas a Igreja Episcopal Carismática, então ela tem amigos que freqüentam a igreja, tem amigos que vão ao barzinho, ao shopping, saem pra comer. [*tem algum problema ou divergência foi freqüentar essa igreja e sair para barzinhos?*] “Não! Por que...eu freqüento a igreja (silêncio) eu acho que as regras, os dogmas da igreja eles são... eu sei que tem que respeitar a posição deles, mas eu acho que pra mim não cabe em alguns momentos, então eu absorvo da igreja, o que eu preciso naquele momento e não aquela questão da rigorosidade. É tanto que... Pronto! A minha igreja... a que eu freqüento hoje a gente vai ter a festa de São João, São Pedro. A rua vai ser fechada, vai ter quermesse, vai ter a parte dos meninos de pescaria, vai ter a quadrilha de São João, então num é uma igreja fechada, ela é aberta para a comunidade, ela é bem aberta mesmo pra a comunidade e como ele (o pastor) diz o pecado é o acesso, então... vivendo bem, enfim, viva! Não exagere. Essa igreja da gente, ela sempre tem algumas festividades , teve numa casa de festas recentemente que teve uma banda dos anos 80, 70... 70, 80, 90 sempre tem”.

Entretanto Stella não professa nenhuma religião, mas frequenta essa igreja e se sente muito bem. Ela gosta muito de passear, quando dá viaja, vai para praia, assim ela prefere sempre que pode sair, dizendo que tem seus momentos para ficar em casa, mais o que gosta mesmo é de passear, ela acha importante sempre dá uma voltinha, pois como tem criança, ele precisa liberar a energia correndo ao ar livre.

Ela sempre está preocupada em escolher bem o local para onde vai com o filho e os amigos, se é restaurante ou barzinho está sempre atenta se tem lugar para ele brincar ou wi-fi para que tanto ele quanto as outras crianças não fiquem ansiosas em cima dos pais sem terem o que fazer. Se forem para shopping ou praia à programação é toda voltada para o seu filho, mas quando ela sai à noite, ele fica com a avó ou ele dorme na casa de sua comadre, mais geralmente ele fica com a avó, ela diz que é muito difícil deixá-lo com outras pessoas. [*E vocês são os quatro juntos, você, seus pais e ele?*] “Sim! Sim! Sempre! Sempre vamos almoçar fora, dia de domingo às vezes a gente vai pra Amadeu comer um caranguejinho que ele gosta, a gente faz a programação junto com ele, porque ele gosta também né. E o que a gente gosta também, e a gente começou a inserir ele na nossa programação e ele também se adaptou a nossa programação aí a gente dá uma voltinha leva ele, pacotinho de amor vai sempre.” (risos) [*Ele se sentem bem então?*] “Sente! Sente! É muito difícil a gente ter algum problema... problema é quando a gente vai pra algum lugar e não tem nada pra ele fazer. Aí é complicado.”

Stella está na fase das descobertas de maquiagem para pele negra, um mercado que vem crescendo muito já há algum tempo e produto pra cabelos afro que estão em fase de testes segundo ela, num processo auto-afirmativo de identidade capilar (risos), mais ela e o filho gosta mesmo de sair para comer comida japonesa e conta que abriu um restaurante próximo de casa que serve sushinha, coxinha de sushi e temaki de camarão que ele gosta muito, e isso acontece uma vez a cada quinze dias. Ela está super empolgada com a descoberta de um brechó de roupas que pode fazer permuta e, diz que prefere ser bem básica nessas questões sobre roupa, se pudesse andaria de chinelos rasteiros e de vestidos.

Ela prefere e ouve muito musica popular, como por exemplo, Emílio Santiago, Belchior, Gonzaguinha e ultimamente tem escutado muito Tiago Iorc com o novo cd dele. Achei fantástico aquele cd dele, fantástico! Eu tenho escutado ele de frente pra traz, de traz pra frente, na plataforma do youtube, que ele lançou na plataforma. [*Você costuma influenciar*

seu filho com esses cantores?] “Ainda não cheguei nesse momento, eu hei de chegar né, por que... (risos) Jesus Cristo na causa, colégio né, colégio minha filha é um negócio.”

[E seu filho costuma ouvir o que?] “Ele está escutando forró, no momento ele está assim (faz o gesto de quem dança estilos de musica que está na moda, chamado sofrência). Mais ainda bem, ele ainda não chegou à fase daqueles... daqueles passinhos o Ó! Passinho de jeito nenhum, brega não, de jeito nenhum, esses negócios de brega, esses negócios assim eu não gosto não, minha comadre gosta, mas quando estou lá, ela pega até leve, mas acho horrível, perdoe-me quem gosta, mais... dá não, pra mim não dá não, de jeito nenhum.”

[mais a ideia é influenciar seu filho?] “Sim, até por que... Assim lá em... Aqui em casa... A gente sempre gostou... Pai sempre gostou de Bezerra da Silva, AJP, pai sempre gostou de fundo de quintal, é grupo raça, pronto! A gente escutava muito grupo raça, raça negra, é... Martinho da Vila, e a gente fez uma viagem uma vez pra São Paulo a gente foi de carro, eu pai e mãe, eu tinha uns 14 anos na época ai pai esqueceu a caixinha de fita, a gente foi escutando Martinho da Vila daqui até lá por três dias (risos)” *[Terminava a fita voltava para o começo?]* “Exatamente! Aquela... Tava na época “já tive mulheres de todas as cores...” Pronto! Era essa de frente pra traz, de traz pra frente foi escutando Martinho da Vila, chegou em São Paulo tava escutando o quê? Martinho da Vila. Mais assim a influência musical minha é a partir deles.” *[E mamãe gosta de escutar quê?]* “Emilio Santiago, mãe é apaixonada por Emilio Santiago, mãe ultimamente está escutando muito forró, tem um mp3 ai que ela comprou que tem num sei quantas... têm 200, 300 músicas que até hoje a gente não chegou nem na metade ainda, que ela gosta muito, mãe gosta muito de escutar Ana Carolina, os presentes que (fala o nome do sue falecido companheiro) dava a mãe geralmente eram cd’s porque mãe gosta muito de escutar música, aqui em casa a gente tem muito cd’s, porque a gente gosta muito de escutar música, muito mesmo... E rádio! (a mãe de Stella responde ao fundo), E rádio, música, independente da forma.”

Stella mostra ter um gosto por música, livros e filmes bem diverso, ela relata que o último filme que assistiu foi o do Espírita Kardec, pois gosta muito de biografias, ela assistiu também ao filme da vida de Elton John e foi com o filho assistir recentemente o filme Pokémon, o próximo que irão assistir é o Rei Leão e confessa que é mais por ela do que por ele (risos), já que esse filme marcou uma geração. Mais costuma fazer do seu quarto um cinema para assistir vários filmes com o filho, como por exemplo, Mulan, A Nova Onda do

Imperador, Príncipe do Egito, filmes esses escolhidos por ela com alguma mensagem que servi de aprendizado para seu filho, mas também tem os filmes escolhidos por ele, que gosta muito de filmes e desenhos japoneses.

Ela conta que o último livro que leu, foi o que ela ganhou recentemente da tia, intitulado A Sutil Arte de Ligar o Foda-se de Mark Manson, que Stella reconhece ser de auto-ajuda, mas ao mesmo tempo ela diz que é um livro que desperta a pessoa para prestar a atenção na própria vida e se colocar como prioridade e enquanto isso não acontecer às coisas não podem caminhar, ela também conta que gosta muito de cozinhar, que aprendeu com a mãe e é um dom de família, pois sua avó materna cozinha muito bem. Stella diz que uma semana antes da entrevista aprendeu a fazer a carne de bode, diz que o youtube ajuda muito hoje em dia, mais que na casa dos seus pais sempre teve livros e cadernos de receitas, sua mãe traz dois pra mostrar, um pouco mais velho e o outro mais novo.

Stella fala com muito orgulho dessa habilidade, diz que é assinante da marca Nestlé e recebe revistas e calendários com receitas, então tudo que é ligado a cozinha ela gosta muito, seu próximo desafio é o chantininho, chantilly de leite ninho, muito na moda hoje em dia, para fazer o bolo de 8 anos de seu filho. Ela conta que tem um bolinho que já faz há um tempo para as amigas e que faz muito sucesso.

Ela também relata que gosta muito de comer e não se preocupa muito em questão de alimentação, pode fazer algo muito leve e saudável como fazer uma feijoada ou um churrasco, pois gosta muito de carne e não se vê sendo muito radical com essa questão, ela se lembra do veganismo mais diz que não conseguiria ser tão radical assim. Apesar de ela ter feito muitos esportes na infância e na adolescência na escola, Stella hoje não faz nada para cuidar do corpo, inclusive comenta que tem 50% de desconto numa academia de ginástica próxima de sua casa, por ter sido uma das primeiras a se matricular mais não vai lá há oito anos, ela se considera uma pessoa muito sedentária (risos).

Além de sair para comer com algumas amigas e seus filhos, Stella também gosta muito de beber, ela começou por volta de seus 23 anos, apesar de seus pais e sua família fazerem uso de bebidas alcoólicas a vida toda, Stella só começou a beber com os amigos da faculdade e logo depois com os pais e os tios em festas, churrascos de finais de semana.

Hoje ela prefere beber mais em casa, mas também gosta de sair com outros amigos que fez durante a vida adulta, não bebendo mais frequentemente com os amigos da faculdade, configurando assim outro grupo social. E ultimamente como perdeu o companheiro recentemente por causa do uso abusivo do álcool Stella está mais moderada neste quesito, mas antes desse acontecimento ela bebia todos os finais de semana, utilizando para isso 25% de seu salário e hoje em dia é bem menos.

Stella relata que em sua casa quando criança nunca teve problemas com o uso abusivo de bebidas alcoólicas, sempre seus pais foram muito tranquilos, pois faziam uso da bebida com moderação e em ocasiões de comemorações ou de lazer em casa. Ela também diz que não gosta de passar de seu limite perdendo assim o controle, já que para ela o beber faz parte da festa, do lazer, da descontração com os amigos e da brincadeira.

Ela afirma que suas horas de lazer não envolvem apenas o consumo de bebida alcoólica, pode ter ocasiões de fazer o uso ou não, pois na grande maioria das vezes ela está em companhia do seu filho, e para ela, ele é prioridade. Stella sabe definir e diferenciar seus momentos de lazer com seu filho e seus amigos, mesmo que às vezes ambos estejam juntos.

Para ela lazer está relacionamento a um momento de pausa na dureza do dia-a-dia, do cotidiano do trabalho, dos estudos, visto que durante a semana tanto ela quanto seu filho tem uma rotina diferenciada que envolvem estudos, atividades extracurriculares e trabalho, Stella parece fazer o mesmo que seus pais fizeram com ela, no que diz respeito a educação de seu filho, então ele tem a oportunidade de fazer algumas atividades complementares, no caso dele, o curso de inglês, assim como sua mãe um dia pode fazer várias atividades como já foi mencionado em sua trajetória escolar. Por isso ela acha que não precisa envolver sempre a bebida alcoólica em todos os momentos de lazer

No geral os momentos de lazer de Stella e seu filho envolvem muitos passeios para a praia, pracinhas, shoppings e restaurantes. Ultimamente ela sai muito com ele para caçar Pokémon GO, um jogo de celular que é uma evolução do desenho japonês de mesmo nome, mas que utiliza o celular para tal, lançado em 2013, se transformou em febre entre jovens, adultos e crianças. E sair com os amigos é algo prazeroso e não precisa necessariamente está relacionado com o consumo de bebidas alcoólicas.

Capítulo II

Carls Berg

Tem 36 anos, Ensino Médio Completo e atualmente trabalha como Auxiliar de Marceneiro, apesar de ter se declarado solteiro, tem um relacionamento estável a mais de dez anos com uma mulher com quem tem uma filha de sete anos, Carls tem mais três filhas de outros três relacionamentos anteriores, uma delas tem onze anos e mora com ele desde que nasceu a mãe deixou os dois quando a menina tinha três anos e meio.

Ele conta que tanto seu pai quanto sua mãe teve relacionamentos anteriores, cada um teve três relacionamentos com pessoas diferentes antes de se conhecerem e casarem. Sua mãe teve seis filhos desses três casamentos, já seu pai teve nove filhos dos seus casamentos anteriores, juntos eles tiveram apenas dois filhos, sendo uma irmã já casada nessa época e ele. Seus pais estudaram até o 5º ano do Ensino Fundamental I, que corresponde a 4ª série do antigo primário.

Seus pais sempre trabalharam a vida toda como feirantes, de uma classe um pouco mais baixa, ele sempre estudou em escola pública, mas segundo o mesmo sua vida com seus pais era muito tranqüila, pois morava somente os três nessa época, eles conseguiam conciliar o trabalho e o lar mesmo indo de domingo a domingo para a feira. Carls nesta época ficava com um casal, que cuidava dele como mãe e pai, vizinhos próximos de onde ele morava.

Ele diz que a questão financeira de sua família era tranqüila, que a vida era boa e folgada, tinha para as necessidades básicas como alimentação e ainda dava para outras coisas, como por exemplo, as atividades de lazer. Na casa de Carls há uma clara divisão entre os gêneros quando se refere à divisão do trabalho doméstico, mesmo sua mãe trabalhando fora com seu pai na feira, as atividades domésticas relacionada ao cuidado da casa eram de responsabilidade da sua irmã mais velha nessa época solteira ainda, não sendo cobrado isso dele, porém aos treze anos ele começa a ir para a feira com seus pais para trabalhar como ajudante ficou por dois anos dos treze aos quinze anos de idade, quando sua mãe se separa de seu pai e vai com ele para São Paulo.

As duas entrevistas foram feitas na sala da casa do sogro de Carls, onde mora atualmente há quatro anos com sua companheira e suas duas filhas foram para lá devido a um acidente sofrido pela sua companheira no local que moravam antes, ela teve as pernas queimadas por um vazamento de gás na casa de uma das vizinhas. A sala é espaçosa, tem uma máquina de costura, que deve pertencer a sua sogra, uns brinquedos de crianças, uma televisão na parede, umas caixas no canto e uma mesa quadrada grande de seis cadeiras encostada à parede da janela.

Carls não aparenta ter seus 36 anos, de pele morena clara, tem um porte médio, demonstrou um pouco de constrangimento na primeira entrevista, mas respondeu todas as perguntas sem problemas aparentes, tem dificuldades em se abrir para falar de si mesmo e da época em que morava com os pais, revelando assim certa timidez, acontecendo também na segunda entrevista.

A Infância

Carls Berg teve uma infância tranqüila, acordava cedo de manhã, tomava café e ia para a escola, quando voltava fazia a lição e ia brincar, era sempre assim, até os treze anos a partir dessa idade ele começa a ajudar os pais na barraca que tinham na feira. Ele conta que na infância seus pais o deixavam aos cuidados de um casal que moravam próximo a eles quando saíam para trabalhar, e que esse casal cuidava dele como se fosse um verdadeiro filho.

Nota-se, entretanto que Carls tem certo receio ao falar de sua infância, mesmo com a timidez ele demonstra um pouco de desconforto ao ter que se lembrar dessa época, não fica, portanto evidenciado o porquê isso acontece ou o que teria acontecido na infância de Carls para ele ter se transformado em um homem bastante fechado nesta dimensão mais pessoal.

Ele afirma ainda que não havia muito diálogo em sua casa nesta época, e conta que quando fazia travessuras seus pais batiam nele, [*E era só esse tipo de punição que você tinha?*] “Aquela época era, num tinha muita conversar não.” Carls lembra também que quando criança e, apesar de terem muitos momentos de lazer e viagens com seus pais, nesta época nem seu pai nem sua mãe costumavam consumir bebidas alcoólicas, na verdade, segundo ele, seu pai nunca bebeu na vida, já sua mãe fazia uso de bebidas alcoólicas, mas não

quando casada, dando pistas de que esse poderia ter sido um dos motivos da separação de seus pais.

A Família

Os pais de Carls tiveram outros relacionamentos anteriores antes de se conhecerem, ou seja, famílias reconfiguradas, seu pai tivera três outros casamentos assim como sua mãe, totalizando num geral 15 filhos.

Seus pais, no entanto tiveram apenas dois filhos juntos, ele e uma irmã mais velha, seu pai sempre foi muito tranquilo, trabalhava como feirante assim como sua mãe. Ele conta que sua mãe gostava muito de beber, mais seu pai não e assim sendo também não gostava que ela ou os filhos bebessem, porém seus pais se separaram depois de um tempo, Carls e sua mãe foram para São Paulo, ele com 15 anos na época, perdeu a mãe logo em seguida tendo que retornar para Pernambuco para morar com seu pai até os 26 mudando assim completamente sua vida, com a irmã mais velha já casada ele teve que começar a ajudar também nos afazeres domésticos.

O que ele mais se lembra de bom, é das horas de lazer, dos passeios e das viagens que fazia com seus pais. [*Pra onde?*] “Vários Lugares” [*Tu se lembra de alguma que tu possas relatar pra mim? O que aconteceu, pra onde tu foste?*] “Caruaru, um monte de lugares, Nova Jerusalém, Campina Grande.” [*E sempre ia tu, teu, pai, tu mãe e tua irmã?*] “eu, meu pai, minha mãe e... só nós três, minha irmã era casada, tinha se casado na época.” Para ele os piores momentos em família eram as pias que os pais davam nele quando ele fazia algo de errado.

Para Carls Berg o que mais herdou de seus pais foram às práticas sociais, em relação a sua mãe, ele diz que herdou o gosto pelo consumo de bebidas alcoólicas e com relação ao seu pai ele ressalta o caráter dele, pois o mesmo sempre se mostrou ser uma boa pessoa. Ele diz que tenta fazer diferente com suas filhas, dialogar mais com elas, conversar e não somente bater como fazia os pais.

Assim como seus pais Carls também vêm de outros três relacionamentos, deixando todas as mulheres com filhas, a mais velha dele já tem mais de 20 anos e a mais nova conta hoje com 7 anos.

Carls hoje tem uma relação estável com uma mulher, como foi dito mais adiante, ocupa um dos três quartos na casa do sogro, ela tem 39 anos, mãe de sua filha mais nova, Cristal é revendedora de produtos relacionada à perfumaria e cosméticos, recentemente terminou um curso de Técnico em Enfermagem e agora está na parte de estágios práticos.

Sem uma renda fixa para ajudar Carls nas despesas, pois depende das vendas, Cristal sonha com um emprego estável de carteira assinada ou um concurso público, eles pretendem um dia construir uma casa nos fundos do quintal de seu sogro para que as meninas que estão crescendo tenham seus próprios quartos.

A Vida Escolar

Carls conta que na época da escolar no primário era bom, pois não tinha tanta droga como nos dias de hoje e por isso se tornava mais um ambiente de lazer do que mesmo de estudo. Ele lembra que sua professora de Português foi bem marcante em sua vida, pois dava muito conselhos não só para ele como para todos os alunos, com relação às atividades de casa, ele conta que as fazia no reforço escolar e não tinha nenhuma outra atividade extra-escolar.

Ele não se considerava uma criança inteligente, isso porque não ligava muito para os estudos nessa época, e nas aulas de reforço quem fazia as atividades era a pessoa que estava ali para ensiná-lo, ressaltando que até hoje os reforços escolares são assim. Segundo Carls seus pais também não o achavam inteligente.

Na escola ele não gostava muito das aulas de matemática e de fazer contas, porém ele não pôde continuar estudando, teve que parar por um período de tempo, pois como sua mãe havia falecido, ao retornar para Pernambuco com quinze anos ele teve que trabalhar, conseguiu assim por meio de um amigo trabalhar na área de auxiliar de marcenaria, profissão que segue até os dias de hoje, mas que não teve nenhuma relação com as influências da escola e de professores.

Trabalho e Vida Econômica

Como foi dito anteriormente, Carls perde a mãe as quinze anos, logo assim que seus pais se separam e ele e mãe vão para São Paulo, tendo que retornar para Pernambuco ele se vê obrigado a trabalhar para ajudar em casa, mesmo tendo seus pais de criação, casal que tomava conta dele quando pequeno.

Sendo assim Carls levado por um amigo se profissionaliza em auxiliar de marcenaria, estando nela a mais de 20 anos. Seu trabalho é bastante complexo, pois mexe com a criação e construção de móveis sob medida, ele então trabalha com muitos cálculos, medidas, espaço, valores e principalmente com o público, seus clientes. Às vezes a uma divergência ou outra mais é normal e resolvido rapidamente.

É engraçado esse relato do Carls Berg, visto que não era considerada uma criança inteligente nem por ele nem pelos seus pais e, principalmente por não gostar da matemática e nem das contas e no seu trabalho ter que utilizá-las. Ele tem uma relação considerada normal com seus companheiros de trabalho e seu chefe, pois como ele trabalha numa empresa pequena geralmente só tem um ou dois funcionários como ajudante, já que os móveis são feitos por em comenda, podendo ser para pessoas físicas ou jurídicas como outras empresas, hotéis, lojas entre outros.

Entretanto Carls afirma que apesar de gostar do seu trabalho, ele não é o trabalho de seus sonhos, segundo o mesmo, o trabalho dos sonhos dele está muito relacionado ao fator econômico, ou seja, ele pensa num emprego que lhe de estabilidade financeira, como podemos ver em sua resposta. [*É o trabalho dos teus sonhos?*] “Não!” [*E qual seria o trabalho... Você pensou em alguma profissão quando era criança ou adolescente?*] “A gente sempre pensa né, todos nós. [*Seria qual?*] “um... “Uma que tivesse a remuneração boa né.” [*ah! Era voltada mais voltada para a renda mesmo econômica?*] “É! Com certeza.” [*Tu poderia me dá um exemplo de qual?*] “um exemplo!” (silêncio de pensamento), a renda! “Sei lá, é por que tem tanto emprego ai hoje em dia né, hoje em dia se fosse por renda a gente botava Tecnologia da Informação.”

Carls lembra então que no período que ficou na escola não foi incentivado por nenhum/a professor/a para seguir nesta área de Tecnologia da Informação, oriundo de escola

pública, ele destaca que hoje se tem maiores incentivos como alguns programas do governo e cita um deles, o jovem aprendiz.

Ele destaca que como precisa lidar com o público em seu atual trabalho, essa se transformou na maior de suas habilidades, assim podemos entender que seja uma disposição de socialização adquirida através do tempo que ficou ajudante seus pais na feira, como feirante eles também lidavam com o público. Ele mesmo tendo muita facilidade nessa área, diz que se tiver uma oportunidade poderá mais na frente mudar de emprego.

Assim sendo Carls recebe seu provimento todos os meses, e em sua grande maioria, é destinado ao pagamento de despesas, como por exemplo, a escola da filha de sete anos, a mais velha de onze este ano foi para a escola pública para cursar a 6ª série do fundamental II, devido à mensalidade das escolas particulares serem mais caras, lanches, alimentação, roupas, sapatos, plano de saúde e dentário entre outros, ele não faz nenhuma planilha de gastos, o controle é feito mentalmente e por enquanto não estão conseguindo fazer nenhum investimento nem poupança.

Lazer, Consumo e Vida Comunitária

Carls é um homem sociável, têm muitos amigos e colegas, alguns do local que ele morou quando criança e outros da vizinhança de onde mora atualmente. Entretanto ele destaca que não tem e nem teve nenhum amigo para contar nas horas mais difíceis, mesmo tendo um bom relacionamento com todos de onde mora e trabalha, seu trabalho como auxiliar de marceneiro é em frente à casa de seu sogro, onde ele mora atualmente.

Ele não costuma sair com os amigos e colegas, ficando basicamente nas proximidades de onde mora, jogando bola, dominó, fazendo uso de bebidas alcoólicas ou simplesmente conversando. Ele gosta muito de escutar samba, como por exemplo, Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Fundo de Quintal, tem interesse por filmes de ação e não costuma nem gosta de ler livros, pois não adquiriu o hábito, ou melhor, uma disposição para isso, ele apesar de não cozinhar diz que gosta muito e como morou por um tempo sozinho, quando se separava de suas companheiras aprendeu os serviços domésticos.

Na medida do possível se alimenta adequadamente e tenta fazer uma alimentação saudável quando dá, no entanto não tem preocupação nem faz nenhum tipo de atividade física para manter o corpo, mas tenta fazer de tudo para evitar doenças.

Carls Berg faz uso de bebidas alcoólicas em sua hora de lazer, que geralmente se dão nos finais de semana, mais especificamente a cerveja, ele diz que começou a beber por volta dos 16 anos influenciado pelos amigos quando saiam para festas e show de pagodes hoje costuma beber mais nos final de semana, sexta, sábado e domingo.

Nesta época que começou a beber seus pais não bebiam depois da separação sua mãe começou a beber e seus irmãos bebiam na rua com amigos também, nunca em casa na frente dos pais. Carls relata que costuma ficar bêbado e perder o controle da situação, ressaltando que fica muito mal com isso, ele costuma jogar bola e beber com os amigos são suas atividades primordiais no seu tempo livre, mas não é uma prática frequente.

Ele diz que os momentos de lazer, são de distração e conversas que não precisa está necessariamente relacionado ao consumo de bebidas alcoólicas para relaxar e se divertir, pois para ele tem vários tipos de lazer configurando assim uma consciência do “bom bebedor” e, por isso não sendo visto como uma possível patologia, mesmo excedendo seus limites como deixou claro, assim Carls diz gastar com o consumo de bebidas alcoólicas menos de 10% de seu salário, pois quando está em grupo à conta sempre é partilhada isso é um dos motivos que faz com que ele escolha esse tipo de lazer do que outro.

Refletindo em seus momentos de lazer com suas filhas pequenas e sua companheira, ele assume que não tem nenhum tipo de lazer com as mesmas, pois demanda tempo e dinheiro, já que nesse caso ele arcaria com as despesas de um passeio sozinho, mesmo que ele economizasse o valor que ele utiliza quando está bebendo com os amigos, pois dependendo do passeio escolhido, demandaria passagem, lanche, entradas entre outros.

Ao contrário de seus pais que mesmo trabalhando como feirante tinha uma vida tranquila economicamente falando conseguiam ter os momentos de lazer, viajar, passear com ele dando-lhe assim memórias e lembranças de sua infância, bem como, a construção de uma relação de vínculo afetivo com o mesmo. Carls Berg não professa ter uma religião específica mais também não demonstrar nenhum tipo de preconceito com qualquer uma delas.

Capítulo III

Aproximações e distanciamentos entre dois retratos sociológicos

Tanto Stella quanto Carls trazem disposições de socialização adquiridas assim em suas relações na infância, na adolescência e depois principalmente com as redes de amizades construídas ao longo dos anos. Apesar da rede de amizade de Stella parecer mais consolidada que a de Carls, quando ela diz que pode contar com eles em momento difíceis e delicados ao contrário de Carls que não tem nem teve com quem contar nessas horas.

No que se refere às respectivas famílias, a de Stella demonstrar ter sido mais bem estruturada do que a de Carls, pois seus pais vieram de relacionamentos anteriores e mesmo já sendo maduros tiveram seus problemas que culminou em mais uma separação e de certo modo, Carls também traz em seu histórico de relações pessoais um número considerável de relacionamentos que nem seus pais, hoje infelizmente os pais de Carls já são falecidos. Em relação aos pais de Stella eles estão a muitos anos casados, mesmo tendo problemas de relacionamentos, como disse a mesma na entrevista, ambos conseguiram e conseguem até hoje resolverem tranquilamente mantendo assim uma base familiar bem mais sólida e organizada.

Assim Stella e Carls trazem disposições de socialização aparentemente iguais no que se refere ao convívio familiar, pois os dois não têm muito contato com sua família ampliada de tios, primos e sobrinhos. Neste contexto social, tanto um quanto o outro tentam hoje buscar esse convívio familiar com parentes distantes, e no caso do Carls com seus outros irmãos.

Há uma grande diferencia entre as classes sociais do qual Stella e Carls são oriundos, ela de classe média alta, sempre estudou em escola particular e teve outras atividades extra-escolares, sua mãe tem ensino superior e seu pai ensino técnico, ele de classe média baixa, sempre estudou em escola pública e nunca fez atividades extra-escolares, tanto seu pai quanto sua mãe só fizeram o fundamental I, ela tem o ensino superior, formada em psicologia, ele somente o Ensino Médio, concluído a pouco tempo,

um ano mais ou menos, Stella nunca precisou trabalhar, mais conseguiu seu primeiro emprego com 16 – 17 anos de idade, já Carls precisou parar de estudar para trabalhar, pois sua mãe tinha acabado de falecer e ele precisava ajudar em casa.

Podemos notar que há uma maior valorização com relação à educação de Stella do que com a de Carls, distinguindo assim disposições para o aprendizado, apesar dela assim como ele não se considerarem inteligentes na dimensão da vida escolar. Hoje podemos considerar Stella e Carls como indivíduos que fazem parte da mesma classe social, por diversos fatores, um deles se trata do fator econômico, os dois segundo dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE fazem parte da classe E, aquela que está na faixa etária de um a dois salários mínimos, segundo Alves (2018, p. 51) isso é reflexo de

Mudanças estruturais ocorridas no Brasil nas últimas décadas e seu impacto sobre as classes populares, em decorrência do crescimento econômico, das transformações na estrutura ocupacional, com a expansão do setor de serviços, a criação de novos postos de trabalho e sua acomodação aos moldes do capitalismo flexível; a quase universalização da educação básica, o aumento real do salário mínimo, a diminuição da desigualdade de renda e maior acesso da população a bens de consumo.

Nesta perspectiva de acessão de classe social, Carls mesmo não tendo a mesma formação educacional que Stella, conseguiu acessar sua disposição referente ao trabalho adquirido com seus pais quando criança. Por outro lado podemos entender que a classe E, mesmo ainda sendo considerada como parte das classes populares, teve uma acessão no período de 2003 a 2013 quando dos governos de Lula e Dilma (PT) que por algum momento e vários estudos sociológicos pode ser considerada como uma “nova classe média”, que até certo tempo estava em acessão.

Tanto Stella como Carls, demonstra disposições heterogêneas de ser, agir, pensar e sentir com relação à classe social que freqüentam ou fazem parte, eles interagem em grupos sociais diversos que lhes agregam valores (re) significando assim essas disposições e estruturas simbólicas que constituem eles como indivíduos singulares.

Com relação às práticas de lazer, Stella Corona e Carls Berg têm disposições diferenciadas, mesmo compartilhando a disposição do consumo de bebidas alcoólicas entre eles, Stella consegue ampliar essas disposições com relação a outras práticas de lazer, como por exemplo, sair com seu filho para passear em praias, praças, restaurantes sem ter que necessariamente fazer o consumo de bebidas alcoólicas, deixando isso para dias e ocasiões

específicos, um dos motivos para isso pode ser o fato de seu filho não ter contato com o pai, ela precisa (re)significar esses papéis na trajetória de vida de seu filho, já Carls mesmo reconhece que acha mais difícil essas práticas de lazer voltadas para as crianças por ser ele o único a financiar esses gastos, visto que quando consome bebidas alcoólicas geralmente é com os amigos, reforçando assim o beber como ato social que só pode ser feito em determinado grupo.

Assim ambos demonstram práticas diferenciadas para com seus filhos, enquanto Stella tem uma relação de socialização com seu filho, levando ele para determinados lugares e participando de suas atividades na escola, Carls só tem um único momento de lazer com suas filhas, este em casa mesmo no convívio familiar ou quando o mesmo monta a pequena piscina que comprou para as mesmas.

Em relação às redes sociais de amizade, Stella parece ter conseguido solidificar seus laços afetivos com seus amigos mais profundamente do que Carls, provavelmente por conta de relações de gênero que também necessitam de determinadas disposições para serem construídas. Isso nos leva novamente a pensar o consumo de bebidas alcoólicas como ato social, que é visto em Neves (2004) como uma consolidação da socialização estabelecida entre pares de iguais. Assim sendo Abrantes (2011 p. 122) nos afirma que

Todas as experiências do indivíduo, ao longo da vida, contribuem para o processo de socialização, ou seja, para a construção de disposições internas que permitem (e orientam) a participação na vida social. No entanto, sabemos que: (1) a experiência dos indivíduos é apenas uma fração do “todo social”; (2) essa experiência depende da capacidade (e disposição) de interpretar e interpelar o social; (3) a informação resultante das experiências não pode ser armazenada e posteriormente mobilizada, na sua totalidade, o que supõe processos (intersubjetivos) de seleção, generalização e analogia.

Neste processo de socialização que envolve o consumo de bebidas alcoólicas como prática de lazer é visto do mesmo modo tanto para Stella como para Carls, ambos acham que está prática é importante, na medida em que não se pode perder o controle do uso das bebidas alcoólicas quando se está em grupo, ressaltando as atitudes de um “bom bebedor”. Eles apontam que como faz parte de seus momentos de lazer e diversão com os amigos a bebida alcoólica pode está presente ou não, que não tem muita diferença e que o fato de não poder beber não os impedem de sair ou participar de eventos ou qualquer outra ocasião que venham a ser convidados.

Assim sendo as disposições garantem a Stella e a Carls possibilidades de escolher suas práticas de lazer e, conseqüentemente inserir dentro delas o consumo de bebidas alcoólicas ou não, isto responde nossa pergunta inicial que levou a essa pesquisa. Isto porque essas disposições foram sendo construídas ao longo da formação do caráter dos mesmos e partiu das relações de amizade num momento da vida dos dois que a auto-afirmação da identidade e da sensação de pertencimento a um determinado grupo é mais forte.

Esta prática de lazer que envolve o consumo de bebidas alcoólicas só reforça a construção de estilos de vida, que consolidam inúmeros espaços de tempo que os indivíduos se vêem mais próximos, como que usufruindo de um prazer coletivamente tecido cujos efeitos são sentidos individualmente como oportunidade de relaxamento e de aproveitamento da família e dos amigos.

Isso nos mostra que ao fazer parte desse grupo de consumidores de bebidas alcoólicas, esses indivíduos se tornam parte de um todo social, que está intrínseco em valores e crenças que não nascem no indivíduo, mas são transmitido tanto pelo meio familiar quanto pelos meios sociais em que os mesmos transitam onde vivem, ou seja, na escola, no trabalho e, principalmente, na comunidade em que habita.

Pela sua natureza social, o ser humano apenas pela socialização pode sobreviver, desenvolver-se e tornar-se pessoa. Ao nível das estruturas estritamente genéticas, é dos animais pior preparados para uma vida independente, dependendo de outros durante mais tempo e de forma mais intensa. Se lhe associamos a capacidade de desempenhar funções variadas e complexas, incluindo caminhar, conversar, aprender, pensar, ter consciência de si mesmo, tomar decisões racionais, divertir-se, etc., devemos reconhecer que resultam da interação com outros humanos durante longos períodos de tempo. (Abrantes 2011, p. 122)

Essas dinâmicas das relações de vizinhança e em grupos de amizade, no que se referem às práticas de lazer, que envolve o consumo de bebidas alcoólicas e destilados figuram entre as práticas mais atrativas para demonstração de um *ethos* popular, especialmente no que se refere ao gênero masculino, em detrimento do cultivo de gostos para o consumo de outros produtos da cultura legítima.¹⁴

¹⁴ Esse conceito é trabalhado por Norbert Elias no livro *O processo civilizador* (2011) em seu volume 1 – Uma história dos costumes, no qual ele faz um extenso estudo sobre o conceito de cultura legítima, no qual, busca explicar como o processo civilizatório tende a compartimentar os sujeitos e suas culturas.

Especialmente referente ao gênero masculino, porque eles utilizam da disposição para o consumo de bebida alcoólica para (re) significar suas dimensões sociais e culturais nos grupos sociais masculinos. Ganhando legitimidade como prática social porque não é feita sozinha, mas sim, compartilhada com os demais indivíduos pertencente à mesma classe social.

Assim as rotas principais de acesso ao consumo de bebidas alcoólicas, se deram primeiramente com a socialização secundária através das redes de amizades construídas na primeira fase da vida adulta de Stella, por volta dos 23 anos quando estava na faculdade e na adolescência de Carls por volta dos 16 anos com os amigos em festas e shows de pagodes, e que não foi vista como problema pelas famílias de ambos, já que os familiares também faziam o consumo de bebidas alcoólicas há mais tempo.

Neste contexto a vida familiar, profissional e de lazer não é afetada pelo consumo de bebidas alcoólicas, pois tanto Stella quanto Carls demonstram ter controle, não fazendo assim um uso abusivo do consumo de bebidas alcoólicas. O que nos revela que o consumo de bebidas alcoólicas é utilizado e visto realmente como um passatempo, uma diversão mais facilmente acessível porque mais uma vez é ressaltada que é feita em grupo e, sendo assim os gastos e despesas são divididos igualmente, mesmo que por ventura alguém não esteja em condições de fazê-lo naquele momento assim mesmo é contemplado pela solidariedade que circunscreve esses grupos sociais em específico, como fala Zanella (2011)

Tudo isso demonstra que o “consumir” bebidas alcoólicas nesses grupos ou redes de socialização é transformado em um ato social que simboliza mais uma concretização dos estilos de vidas culturais, do que mesmo algo corrosivo ou ruim que venha a degradar o indivíduo isso nos leva a crer que os indivíduos só perdem o controle e abusam desse consumo de álcool quando de alguma forma essas redes sociais não constroem nem consolidam as disposições de socialização certas que poderiam interagir consigo mesmo e com o meio que está ou foi inserido.

Considerações finais

O presente estudo buscou entender como se dá a relação dos indivíduos, oriundos das classes populares, com o consumo de bebidas alcoólicas como forma de lazer, visto que há um aumento gradativo dessa prática em particular ao longo dos anos. Para além dos problemas de âmbito patológico, não mencionados efetivamente aqui, mas não menos importante em outras áreas de conhecimento, assim como a sociologia, o consumo de bebidas alcoólicas tendem a perpassar diversas dimensões sociais e culturais que acabam por estruturar disposições socializantes que se infiltram e dão corpo nas relações do cotidiano.

Assim podemos perceber que ao trazer os processos de socialização que partem das classes populares, estes legitimam toda e qualquer prática de lazer, que estejam dentro ou fora do seu círculo de relações sociais, sendo considerado como uma (re)significação dos atos sociais e culturais de cada indivíduo, conforme suas trajetórias de vida.

Os retratos sociológicos aqui construídos trazem dimensões que reforçam e resignificam a dimensão do lazer a partir daquilo que foi lhe apresentado por seus familiares, na socialização primária, quanto o que lhes foram dados pelo mundo social mais amplo. Compreendendo isso, esses retratos sociológicos, em grande medida, acessam mecanismos de ser, pensar, agir e sentir que se para alguns demonstram desconhecimento de outras práticas de lazer. Fica evidenciado, por outro lado, em seu discurso que isso não é verdadeiro, eles só não reconhecem e dão valor a outras práticas, como agregam práticas diferenciadas, sendo uma delas, o consumo de bebidas alcoólicas, este sempre feito em grupo atribuindo assim um valor afetivo que requer por em prática disposições socializantes trazidas do passado incorporado.

É nesse sentido que este estudo trouxe grandes contribuições, na medida, que olha para o consumo de bebidas alcoólicas, numa dimensão mais social no âmbito da sociologia, sem, no entanto julgar os porquês do consumo abusivo, isto porque como revela todo o trabalho nosso enfoque era compreender essa relação do consumo de bebidas alcoólicas com o lazer, retratando para tais indivíduos que lidam com um determinado grau de consciência de seus limites como um indivíduo pertencente a um grupo social.

Diante do exposto, pode-se inferir que aqueles indivíduos que se vêm envolvidos com o consumo abusivo de bebidas alcoólicas, tenham em algum momento de sua construção social como indivíduo, algum grupo de disposições não concretizadas ou mesmo consolidadas diante de suas redes de socialização primárias e secundárias, já que o ato de beber é considerado pelas teorias escolhidas como um ato social, advindo de um passado e de um presente, bem como, da consolidação de uma identidade social particular atribuída a um grupo específico, este no caso, o grupo social que não só partilha uns com os outros o hábito do consumo de bebidas alcoólicas como forma de lazer, mas toda uma sociabilidade que se constrói com o sentimento de pertencimento.

Podemos perceber também que há uma visão diferenciada das dimensões lazer e consumo de bebidas alcoólicas quando nos referimos e olhamos para a dimensão de gênero, ou seja, para a mulher quando relaciona essas duas dimensões se tem uma visão mais ampliada dos conceitos que os envolvem conseguindo assim separar os momentos de lazer com os amigos e com o filho, mesmo quando estes, em algum momento possam interagir um com o outro ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

Enquanto que para o homem essa visão fica mais estreita, pois ele se limita a dimensão econômica, já que dedicar um momento de lazer com os filhos, mesmo este momento em si, sendo prazeroso e consolidando disposições de afeto demandaria por parte dos homens um gasto financeiro mais significativo que é arcado por ele sozinho, não acontecendo isso com o consumo de bebidas alcoólicas que em sua maioria é feito em grupo, consolidando assim uma solidariedade entre os homens que mesmo não estando com condições financeiras naquele determinado momento, interagem consumindo a bebida e socializando entre si.

Nessa perspectiva e com o intuito de aprofundamento da teoria disposicionalista ou da ação e da sociologia empírica do lazer, pretende-se em pesquisas futuras aprimorar e ampliar este estudo envolvendo para tal outros tipos de classes como A, B, C e D, assim como, as classes abaixo da linha da pobreza, com o intuito de compreender como é visto por esses outros indivíduos essas mesmas dimensões tratadas aqui, bem como, fazer um recorte de gênero no intuito de compreender quais os significados mais ampliados de lazer e consumo de bebidas alcoólicas para homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Pedro. **Para uma teoria da socialização**. In: Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, 2011, pág. 121-139
- AGUIAR, João Valente. *A classe social como processo: conceito de formação da classe trabalhadora*. 2012.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **“Com o suor do trabalho”**: uma análise do *ethos* dos **batalhadores manifesto no âmbito do consumo** / Ana Rodrigues Cavalcanti Alves. – 2018. 285 f. ; 30 cm.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **Reconstrução do estilo de vida das classes populares em A Distinção de Pierre Bourdieu: reflexões teóricas para pensar o Brasil contemporâneo** . 38º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS – GT03 – As classes sociais no Brasil contemporâneo, 2014. p. 24.
- DUMAZEDIER, Joffre. **SOCIOLOGIA EMPÍRICA DO LAZER**. Editione du seuil, editora perspectiva S.A, 1974. pp. 9 – 249.
- LARANJEIRA, Ronaldo. et al (org.). **I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Elaboração, redação e organização; Revisão técnica Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte. Brasília: Secretaria Nacional. Antidrogas, 2007.
- LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação** / Bernard Lahire; tradução de Jaime A. Clasen. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos; disposições e variações individuais** / Bernard Lahire; trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martins. – Porto Alegre : Artmed, 2004.
- MARIZ, Cecília Loreto. **Artigo em resposta ao de Delma Pessanha: Alcoolismo: acusação ou diagnóstico?**. DEBATE. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(1): 7 – 36, jav-fev, 2004.
- NEVES, Delma Pessanha. **Alcoolismo: acusação ou diagnóstico?**. DEBATE. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(1): 7 – 36, jav-fev, 2004.
- SCALCO, Lucia Mury et al. **Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica**. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2010, v. 53 N° 1.
- SARTI, Cynnthia Andersen. *A FAMÍLIA COMO ESPELHO: UM ESTUDO SOBRE A MORAL DOS POBRES NA PERIFERIA DE SÃO PAULO*. TESE DE DOUTORADO, SÃO PAULO, 1994. pp. 1 – 215.
- TASCHNER, Gisela. **Raízes da cultura do consumo**. Revista USP, São Paulo (32): 26 – 43, DEZEMBRO / FEVEREIRO 1996 – 97.
- ZANELLA, Eduardo. **NÃO DÁ PRA SAIR DO MORRO: pertencimento e sociabilidade no consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular de Porto Alegre** . *Plural*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 18.1, pp. 155-173.